

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Francielle da Veiga Bertoni

**“EU QUERIA ESCOLHER DO MEU JEITO!”:  
critérios de escolha de livros de literatura infantil  
por crianças de uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental**

Porto Alegre  
1. semestre  
2012

Francielle da Veiga Bertoni

**“EU QUERIA ESCOLHER DO MEU JEITO!”:  
critérios de escolha de livros de literatura infantil  
por crianças de uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora:  
Profa. Dra. Luciana Piccoli

Porto Alegre  
1. semestre  
2012

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que colaboraram nessa etapa tão importante da minha vida, pois esse trabalho tem um pedacinho de cada um que esteve presente durante esse período de formação.

Agradeço a Deus, por me dar forças e me iluminar nesta conquista...

Agradeço a minha família, pelo apoio e incentivo, por ter vivenciado comigo cada passo dessa caminhada...

Ao meu pai Gilberto, por investir e acreditar em mim...

A minha mãe Sonia Rejane, que ajudou sempre em que foi preciso, com palavras de incentivo, auxílio e compreensão...

Ao meu irmão Bruno, por colaborar em me ajudar no que necessitava...

Aos meus amigos, em especial aqueles mais próximos, ao meu namorado Guilherme, que sempre que necessário ofereceram presteza em ajudar e carinho em aparar...

Às crianças da minha vida, Amanda, Erika, Gabrielli, Marcelo e Victória, que auxiliaram na realização das minhas investigações, sendo o meu “objeto de estudo”.  
À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por proporcionar qualidade em minha formação, oferecendo mestres qualificados e competentes, que muito me ensinaram.

A minha orientadora, Luciana Piccoli, pelo acolhimento, pelas palavras amigas, pela dedicação, atenção e criticidade em orientar a realização desse trabalho...

Aos futuros pedagogos... meus colegas de faculdade, companheiros, amigos que compartilharam não apenas os aprendizados, mas também a amizade...

A minha colega de caminhada, Jaci, companheira nas manhãs da FACED, que sempre dividiu comigo os momentos de alegrias e preocupações, as opiniões e sugestões criativas aos meus trabalhos...

Aos protagonistas deste estudo, às crianças da turma que colaboram, há um longo tempo, em minhas investigações, em especial à professora Lisiane, que tornou esses estudos possíveis, acolhendo-me...

Não poderia deixar de agradecer também as minhas professoras, dos primeiros anos escolares, que, como excelentes profissionais, ensinando com paixão, me motivaram na escolha da minha formação.

*O degrau de uma escada não serve  
simplesmente para que alguém  
permaneça em cima dele, destina-se a  
sustentar o pé de um homem pelo tempo  
suficiente para que ele coloque o outro  
um pouco mais alto.*

*Thomas Huxley*

## RESUMO

Subsidiada em fundamentações teóricas sobre literatura infantil e tendo como referência os estudos de Teresa Colomer, esta pesquisa tem como objetivo identificar e analisar critérios de escolha de livros de literatura infantil por crianças de uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da zona sul de Porto Alegre. Esta investigação qualitativa valeu-se, para a geração de dados, de discussões em grupo focal com sete alunos, ocorridas na biblioteca da escola. Nos encontros, foram oferecidos diferentes conjuntos de livros em três momentos distintos: livros do acervo da biblioteca da escola, livros já conhecidos pelos alunos em situações de práticas pedagógicas e estágio curricular e livros selecionados pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), do Ministério da Educação (MEC). Diante dos dados gerados, foi possível agrupar os critérios utilizados pelas crianças para selecionar os livros nos seguintes eixos: aspectos gráfico-visuais da obra referentes às ilustrações, à extensão do texto e à fonte utilizada; preferências temáticas do leitor; função utilitário-pedagógica da literatura; mídia e relações de gênero. Nas análises, destaca-se que as narrativas das crianças apresentaram recorrências atreladas às ilustrações e aos significados produzidos a partir delas, sendo decisórias na seleção ou rejeição dos livros. Percebeu-se, também, a presença de narrativas demarcadas por questões de identidade, bem como a exposição de preferências justificadas por experiências e vivências dos jovens leitores.

**Palavras-chave:** Literatura infantil. Leitor. Ilustração.

BERTONI, Francielle da Veiga. **“Eu queria escolher do meu jeito!”**: critérios de escolha de livros de literatura infantil por crianças de uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental. Porto Alegre, 2012. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>06</b>
<b>2 LITERATURA INFANTIL: ALGUMAS DISCUSSÕES CONCEITUAIS</b> .....	<b>10</b>
<b>3 CAMINHOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>13</b>
<b>4 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS ACERVOS</b> .....	<b>21</b>
4.1 ACERVO DA BIBLIOTECA DA ESCOLA .....	21
4.2 ACERVO DOS LIVROS CONHECIDOS PELAS CRIANÇAS .....	22
4.3 ACERVO SELECIONADO A PARTIR DO PNBE 2010 .....	23
<b>5 CRITÉRIOS DE ESCOLHA DOS LIVROS PELAS CRIANÇAS</b> .....	<b>27</b>
5.1 ASPECTOS GRÁFICO-VISUAIS .....	27
5.2 PREFERÊNCIAS TEMÁTICAS DO LEITOR .....	31
5.3 FUNÇÃO UTILITÁRIO-PEDAGÓGICA DA LITERATURA .....	35
5.4 MÍDIA .....	40
5.5 RELAÇÕES DE GÊNERO .....	44
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>53</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>55</b>
<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	<b>56</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

O presente trabalho parte das minhas inquietações acerca da literatura infantil, bem como do meu interesse e valorização que atribuo ao livro. Justifico a escolha do tema devido ao meu interesse que me acompanha ao longo dos semestres do Curso de Pedagogia, pois, em diversos trabalhos, procurei ficar atenta, investigar e problematizar os estudos de literatura infantil.

Parte dos meus questionamentos desdobraram-se concomitantemente ao observar práticas escolares de uma determinada turma numa escola pública na zona sul de Porto Alegre. Acompanhei-a por um grande período, mais especificadamente, por 4 semestres, desde 2010, começando quando os alunos iniciavam o primeiro ano escolar e estendendo-se até o 3º ano, quando realizei minhas investigações que relato neste trabalho.

Inicialmente, durante as práticas pedagógicas, ao observar a atuação docente da professora titular da turma, percebi que não era muito frequente a presença do livro na sala de aula, assim como não era comum visitarem a biblioteca da escola para retirem livros, e nem mesmo para uma contação de histórias aproveitando aquele espaço e acervo.

Na escola havia uma biblioteca com duas estantes recheadas de obras infanto-juvenis, com diferentes títulos, cujo espaço era pouco explorado e os livros não manuseados. A turma não frequentava a biblioteca e, em sala de aula, eram poucos os momentos de contato com os livros. Pelos relatos dos alunos *“O sora, hoje tem história?”*, *“Conta uma história pra gente no fim da aula?”*, *“Posso trazer um livrinho que a minha mãe me deu pra ti ler?”*, *“Oba, hoje tem história!”*, podia se perceber o interesse e valorização que atribuíam aos livros e o quanto desejavam que a rotina da leitura de histórias, contos fosse implementada nas aulas.

Observando o cotidiano dos alunos do 3º ano, percebi o quanto era frequente o desejo e o interesse pela literatura infantil, apesar do pouco acesso a esses materiais. Os alunos, em sua maioria, sinalizavam vontades e desejos de ouvir, de ler histórias, que, muitas vezes, a rotina escolar não contemplava. O livro não era utilizado como instrumento de aprendizagem, nem tão pouco como instrumento lúdico, de leitura por prazer.

Partindo dos questionamentos anteriores e percebendo as manifestações dos alunos, ao entrar em sala de aula durante as práticas pedagógicas<sup>1</sup>, o estágio curricular obrigatório<sup>2</sup> e exercendo a atuação de pedagoga, procurei atender às solicitações dos alunos, experimentando levar diferentes livros para sala de aula com a intenção de satisfazer seus desejos. Levei livros que achei interessantes para iniciar determinadas atividades, para serem utilizados concomitantemente com os trabalhos realizados, assim como alguns para contar em um determinado momento de aula, para suprir a necessidade de ouvir uma história por prazer. Foi uma experiência muito construtiva, pois era visível a atenção e valorização que davam a esses materiais, além desses artefatos culturais contribuírem e instigarem a aprendizagem.

Nas práticas que realizei com a turma, bem como no estágio obrigatório, procurei mediar esse encontro com a leitura, contemplando, em meus planos de aulas, diferentes momentos de leitura. Me detive a uma escuta atenta às manifestações dos alunos, abrindo possibilidades que eles escolhessem quais títulos de livros gostariam que fossem levados para serem lidos, diferentes dos que eu planejava. Destaco que os livros que eu escolhia tanto abordavam eixos com os trabalhos realizados em aula, quanto também tinham cunho lúdico, partindo do que eles gostariam de ler, de uma leitura por prazer.

Conforme o acervo que eu ia levando aos alunos, pude perceber as manifestações frente ao material que eu propunha. Alguns títulos conquistavam mais as crianças, outros nem tanto, não atraíram o quanto eu havia imaginado. Concomitantemente com os livros que eu levava, me deparei com a solicitação de outros títulos de livros diferentes e também com a atitude de alguns alunos trazerem livros de casa para serem lidos em aula, para os colegas.

Reconheço, assim, que nem sempre os livros de literatura infantil que o professor escolhe e planeja levar para aulas são de agrado dos alunos, e eles são muito sinceros a isso. Em algumas situações, me deparei com o descontentamento dos alunos, quando, por exemplo, percebia que grande parte da turma não estava prestando atenção na leitura, se dispersando com outras coisas, ou quando, no final de uma contação de histórias, faziam comentários que, mesmo medindo palavras,

---

<sup>1</sup> As práticas pedagógicas são requisitos das disciplinas de reflexão do curso de Pedagogia. Com a turma citada, as práticas foram realizadas em 3 semestres (2009/2, 2010/2 e 2011/1).

<sup>2</sup> O estágio curricular obrigatório ocorreu no 7º semestre do curso de Pedagogia, tendo a duração de um semestre, sendo realizado em 2011/2.



dizendo singelamente para não me chatear, se manifestavam opinando que não haviam gostado da história e, também, até mesmo quando aqueles alunos mais sinceros diretamente falavam que a história não havia agradado.

Essas percepções me inquietaram e me fizeram olhar atentamente para o que os alunos gostavam e para o que despertava sua atenção ao escolherem os títulos. Questionei-me, concomitantemente, refletindo acerca de quem escolhe os livros destinados às crianças, a partir do que discorre Colomer (2003, p. 46):

Os livros são escritos, comprados e avaliados por adultos. Os “críticos” da literatura infantil são, na prática, uma multidão: a de todos aqueles que exercem um papel de poder decisivo sobre o acesso das crianças à leitura, tanto se são estudiosos, animadores culturais ou, simplesmente, pais e mães.

Normalmente os adultos são quem oferecem os livros às crianças, assim como são eles quem avaliam, conforme seus critérios de escolha, o que pode ou não ser destinado a elas, conforme atributos e justificativas que julgam importantes: “[...] em suma, o “livro infantil”, se bem que dirigido à criança, é de invenção e intervenção do adulto. Transmite os pontos de vista que este considera mais úteis à formação de seus leitores [...]” (MEIRELES, 1951, p. 29).

Partindo dessa problemática, me propus a identificar e analisar quais critérios os próprios alunos utilizam para selecionar livros de literatura infantil, bem como quais argumentos usam para definir suas escolhas. Para a investigação dessa questão, foram propostos momentos de geração de dados através de discussões focais, organizadas em três encontros, na biblioteca da escola. Sete crianças foram selecionadas para participarem dos grupos focais e compuseram dois pequenos grupos. Os livros dispostos a elas foram selecionados conforme critérios já determinados por mim, sendo eles: livros de literatura infantil do acervo da biblioteca da escola, livros utilizados durante o período de prática e estágio e, portanto, já conhecidos pelas crianças e obras selecionadas pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), do Ministério da Educação (MEC), no ano de 2010.

Foi partindo desse contexto que me propus a investigar quais são os critérios utilizados por crianças de uma turma de 3º ano para escolherem livros de literatura infantil, bem como identificar e analisar esses critérios, estando atenta aos momentos de realização das discussões do grupo focal, nas conversas de interação pré e pós escolha dos livros, bem como às justificativas atribuídas pelas crianças. A partir das justificativas e argumentos das crianças construindo critérios de escolha

dos livros, identifico, analiso e contextualizo os critérios literários estabelecidos, conforme os aportes teóricos relacionados.

Diante desta seção de apresentação, na qual descrevo os motivos que me influenciaram a realizar esta pesquisa, o trabalho segue organizado na seguinte estrutura: na segunda seção abordo questões pertinentes da literatura infantil a partir de autores que estudam essa temática; na terceira seção exponho o caminho metodológico que percorri, traçando os sujeitos do estudo, o acesso ao espaço de investigação e os roteiros de encontros; na quarta seção relato o acervo escolhido, bem como as obras e os motivos de escolhas; na quinta seção apresento os critérios de escolha dos livros que surgiram a partir das análises dos dados gerados pela pesquisa, dividindo-os em cinco eixos; posteriormente a sexta seção apresenta algumas considerações significativas, recorrências que julguei importantes ao realizar, construir e analisar os dados da pesquisa.

## 2 LITERATURA INFANTIL: ALGUMAS DISCUSSÕES CONCEITUAIS

A literatura infantil é um gênero relativamente recente: seu início de produção editorial está relacionado à constituição do conceito de infância, que ocorreu no século XVII, sendo que antigamente os textos circulavam oralmente entre as crianças, não existindo a presença de uma material impresso de leitura.

Observa-se que o sentimento de infância variou conforme o período histórico, Ariès (1981) discorre que, em alguns momentos, ela foi mais valorizada e, em outros, menos, não significando desprezo, pois “na sociedade Medieval [...] o sentimento da infância não existia – o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas” (ARIÈS, 2006, p. 99). Sendo assim, a criança era considerada um mini adulto representando um papel diferente, de acordo com o que a sociedade determinava. As crianças viviam misturadas com os adultos, não havendo distinções em relação à faixa etária, atitudes, vestimentas, atividades e jogos; elas diferenciavam-se dos adultos apenas no tamanho, compartilhavam dos mesmos eventos. Esse período, a infância, era então considerado instável, havendo um desinteresse por essa fase da vida.

Pode-se perceber, então, que há uma evolução do conceito de infância, visto que a concepção de criança é uma noção construída historicamente que vem mudando através dos tempos e está em permanente construção. Essas reelaborações contribuíram para alterar características como alimentação, vestuário e também a escolarização da infância. Assim, “a criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 17). Conseqüentemente, a partir dessa concepção de faixa etária diferenciada que necessitava de uma consideração especial, novas propostas pedagógicas e de escolarização surgiram, bem como a apropriação de uma literatura específica destinada a esse público, denominada então “literatura infantil”, reconhecida para Zilberman (1985) como um “produto cultural”, produzido no século XVIII que, a partir de então, propiciou o acesso da criança a consumir tais obras impressas.

Podemos perceber que esse tipo de gênero destinado aos infantes carrega uma concepção de significados variados possibilitando discursos de diferentes autores no que se refere ao seu teor, mas o que se salienta nessa qualidade de categorização é o “[...] peso circunstancial que o adjunto infantil traz para a expressão literatura infantil, ele define a destinação da obra [...]” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 11). Nota-se, então, claramente ao público específico a quem essa obra se dirige, ao infante, sendo esse estilo de escrita endereçado a um leitor “menor”, considerando-se os interesses próprios da faixa etária, os assuntos mais pertinentes e simples, ao alcance da mente da criança. A partir do ponto de vista do adulto, considera-se algo que as crianças iriam ler com agrado, “que se supõe que seja compreensível, segundo as capacidades interpretativas dos destinatários e do que se julga ser adequado aos seus interesses e à sua educação moral” (COLOMER, 2003, p. 14). Se referindo à questão literária, Meireles (1951, p. 29) também questiona as características desse tipo de obra, consideradas como autênticas para alguns autores:

[...] seriam livros simples, fáceis, ao alcance da criança... Como se o mundo secreto da infância fosse, na verdade, tão fácil, tão simples... Mas um estilo que corresponda também certo conteúdo... Fatos ao alcance da criança, e dos quais decorram consequências ou ensinamentos que o adulto julga interessante para ela.

Partindo do discurso de Meireles (1951) mencionado acima, a autora vai de encontro a esta perspectiva, argumentando e apresentando que quem escolhe esses livros para o público infante, bem como a intenção de seleção, é o adulto, que atribui uma finalidade educativa, mais utilitário-pedagógica do que no sentido de leitura por recreação. Dessa forma, as escolhas são permeadas pelos objetivos dos adultos, acreditando-se numa:

[...] visão de natural domínio do adulto, na medida em que o pensamento infantil ainda está apto para inferências, abstratas e generalizadoras, de uma mente logicamente controlada. É justamente essa carência da lógica racional, esteio para as estruturas do pensamento ocidental, que faz da criança um ser dependente para a nossa cultura. (OLIVEIRA e PALO, 2003, p. 5)

Sendo assim, as escolhas literárias eram, e são na maioria das vezes, conduzidas pelos valores daqueles que se dizem ter autoridade, os adultos. Essa seria uma contradição fundamental da literatura infantil:

Os livros são escritos, comprados e avaliados por adultos. Os “críticos” da literatura infantil são, na prática, uma multidão: a de todos aqueles que exercem um papel de poder decisivo sobre o acesso das crianças à leitura,

tanto são os estudiosos, animadores culturais ou, simplesmente, pais e mães. (COLOMER, 2003, p. 46)

Atualmente as editoras tornaram as produções desse gênero mais atrativas às crianças, investindo tanto em estruturas de apresentação quanto em composições literárias, aproximando o leitor de assuntos e temáticas que conquistassem mais sua atenção, divulgando livros e conquistando leitores através da mídia. Partindo das palavras de Soriano (1975 *apud* COLOMER, 2003, p. 51), conferimos a necessidade desse diferencial, pois “o que é que o senso comum denomina literatura infantil em nossa época? As coleções coloridas de capas duras, que oferecem um certo tipo de prazer feito de curiosidade e atenção”.

Os títulos atuais também apresentam temas associados à fantasia, mas mesmo assim indicam algum tipo de ensinamento moral: os contos de fadas, por exemplo, remetem às fábulas produzidas nos séculos anteriores que de igual forma tinham a intenção de transmitir ensinamentos aos leitores. Para Colomer (2003, p. 72) os “valores educativos da fantasia em termos pedagógicos conduziu assim uma nova formulação mais sutil sobre o valor educativo dos livros infantis enquanto literatura”, implicando numa nova formulação de obras, porém com características atreladas às configurações antigas.

Tendo em vista os argumentos apresentados anteriormente, levando em consideração que as escolhas literárias dos livros destinados às crianças são realizadas a partir do julgamento dos adultos, justifica-se a pertinência em investigar os pontos de vista das crianças. Problematiza-se, então, quais seriam as justificativas dos alunos ao selecionarem seus livros, observando e analisando o que atrai esse pequeno leitor no momento de escolha, já que:

O fato da criança tomar um livro nas mãos, folheá-lo, passar os olhos por algumas páginas não deve iludir ninguém. Há mil artifícios e mil ocasiões para a tentativa de captura desse difícil leitor (MEIRELES, 1951, p.31).

Faz-se necessário, então, estarmos atentos às manifestações das crianças, identificando que há diversas possibilidades atrativas nas obras e reconhecendo que os infantes utilizam diferentes critérios ao escolherem os livros.

### 3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. (DUARTE, 2002, p.140)

Neste capítulo relato o processo de realização da pesquisa que possibilitou a concretização deste produto final, descrevendo os procedimentos metodológicos que me acompanharam.

Este estudo é caracterizado como uma pesquisa qualitativa. As investigações partem de observações realizadas no campo escolar, mais precisamente na biblioteca da escola, onde se tinha a intenção de gerar dados verificando, a partir dos livros disponibilizados às crianças, quais obras eram escolhidas, identificando os critérios de seleção.

Antes de escolher meu objeto de pesquisa, pensei em diversas possibilidades, é claro que todas relacionadas à literatura infantil, tema que me desperta grande interesse. Antes de delimitar meu tema e definir o que especificamente iria investigar, refleti muito pois a “definição do objeto de pesquisa assim como a opção metodológica constituem um processo tão importante para o pesquisador quanto o texto que ele elabora ao final (DUARTE, 2002, p.140).

Entendo assim o quanto é importante a definição do objeto de pesquisa e que deve ser minuciosamente escolhido, conforme aquilo que nos inquieta. Partindo então das minhas inquietações, construí meu problema de pesquisa: quais são os critérios de escolha de livros de literatura infantil que as crianças de uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental utilizam? Para constituir minhas investigações, tenho como objetivo identificar e analisar esses critérios.

#### O ACESSO AO ESPAÇO DE INVESTIGAÇÃO

O acesso ao espaço da investigação deu-se devido ao fato de eu já conhecer a essa escola, colaborando para minha inserção nesse local. A escola localiza-se em um bairro na zona sul de Porto Alegre.

Nos períodos de realização de práticas pedagógicas e estágio do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, procurei a escola para realizar e aplicar os estudos desenvolvidos durante o curso. Pelo motivo de eu já ter sido aluna da escola, tive facilidade de acesso ao campo. Iniciei, então, uma relação não apenas pedagógica, mas também de laços afetivos que me motivaram a continuar trabalhando com os mesmos alunos.

## OS SUJEITOS DO ESTUDO

A relação dos sujeitos participantes da pesquisa se constituiu através de uma seleção entre o grande grupo, ou seja, entre os 27 alunos da turma do 3º ano. Para que os instrumentos de análise não ficassem muito densos, deveria ser escolhido um grupo menor, visto que, conforme discorrem Graue e Walsh (2003), entrevistas aos pares ou em pequenos grupos são extremamente eficazes e úteis, além de delimitar o número de sujeitos de modo a ser proporcional ao tempo hábil de realização da pesquisa.

Destaco que esse momento de seleção foi bastante complicado, pois trata-se de um procedimento importantíssimo, que requer muito cuidado. Durante essa etapa, identifiquei dificuldades em estabelecer quais seriam os sujeitos participantes, estando atenta que:

[...] a definição de critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado. (DUARTE, 2002, p.141)

Para tanto, antes de ir a campo, foi orientado que fosse realizado um sorteio, como maneira mais justa de que os integrantes fossem escolhidos. Chegando na sala de aula, após já ter agendado a visita com a professora e explicado a pesquisa para os alunos, propus que escolhêssemos quais seriam os alunos. Cheguei para conversar com a turma em um momento da aula de matemática, no qual presenciei

uma atenção grande por parte dos alunos no que a professora estava ensinando. Para não parecer inconveniente, visto que estavam concentrados na aula, perguntei quais alunos tinham interesse em participar. Metade da turma, entre alguns alunos que não haviam sido meus alunos, quis participar. Expliquei que, para compor a pesquisa, as crianças deveriam ter sido minha alunas no período de estágio, pois eu já estava acompanhando-as. Aleatoriamente entreguei os Termos de Consentimento<sup>3</sup>, formulados conforme a necessidade da pesquisa e assinado pela orientadora do trabalho de conclusão de curso, para dez alunos, aqueles que primeiramente se prontificaram. Entendo que o ideal seria realizar essa seleção mediante um sorteio, mas optei por essa forma para poupar tempo das crianças e não dispersá-las da atividade que estavam fazendo.

Entreguei os dez termos para economizar tempo a fim de garantir que boa parte deles voltassem assinados, tendo ciência que alguns poderiam não voltar, tendo talvez que refazer essa etapa. No ato da entrega, mencionei as orientações às crianças, para que fossem esclarecidas possíveis dúvidas. Uma semana após a entrega, sete alunos devolveram os termos assinados. Só assim pude prosseguir com as etapas de pesquisa. Considerei participantes os sete alunos que entregaram os termos, entre eles quatro meninas e três meninos, chamados<sup>4</sup>: Fernando (8A), Helena (8A), Júlia (10A), Karine (8A), Laura (8A), Nathan (8A) e Rodrigo (8A).

A turma me recebeu muito bem, principalmente o grupo focal, talvez pelo fato de já nos conhecermos e estarmos inseridos na rotina escolar, conforme estágio realizado no semestre anterior. Acredito que a nossa proximidade de relação favoreceu a geração de dados, pois os contatos entre pesquisador e sujeito são parte integrante do material de análise (DUARTE, 2002, p.145).

No primeiro momento de contato com a turma, entreguei os dez Termos de Consentimento, que, após quatro dias, foram recolhidos. Uma semana após a entrega dos termos e três dias após a coleta do termo assinado, realizei o primeiro momento de encontro no grupo focal na biblioteca.

Convidei aleatoriamente 3 alunos, 1 menina e 2 meninos (Helena, Júlia e Nathan) para comporem o grupo focal 1. Na sequência, selecionei 4 alunos, 2 meninas e 2 meninos (Fernando, Karine, Laura e Rodrigo). Na biblioteca,

---

<sup>3</sup> O modelo do termo de consentimento entregue aos alunos consta no apêndice A.

<sup>4</sup> Os nomes informados dos alunos participantes correspondem a nomes fictícios, devido à necessidade ética de manter a preservação de identidade.



inicialmente, estavam mais tímidos, mas, no andamento dos encontros, ficaram bem à vontade, conversando e interagindo conforme cada proposta. Ao escolherem os livros, conversavam entre eles, comentavam sobre livros que já tinham lido ou que gostavam e, em algumas vezes, contavam um pouco da história, mostravam ilustrações e até mesmo sugeriam livros para os colegas escolherem.

## ROTEIROS E ENCONTROS

Os encontros foram realizados conforme estratégias de investigação qualitativa, usufruindo-se, para geração dos dados, de conversas informais e escolhas de livros na biblioteca da escola, subsidiadas a partir da construção de um roteiro prévio, formulado antes da ida a campo. Teve-se presente a necessidade que as perguntas fossem formuladas da melhor maneira, sendo capaz de avaliar o grau de indução da resposta contido numa dada questão (DUARTE, 2002), evitando questões mal elaboradas, que dificultassem a compreensão dos entrevistados e também tendo cautela nas explicações, pois “[...] quando se tenta explicar demais, acaba-se dizendo, de um modo ou de outro, o que se espera que o outro responda” (GRAUE; WALSH, 2003, p. 149).

Como foi referido anteriormente, utilizei o termo *geração de dados*, ao invés de recolha de dados, conforme discorrem Graue e Walsh (2003), pois entende-se que os dados não estão prontos, apenas esperando nossa espera, mas sim são gerados de maneira processual, na medida em que a investigação vai progredindo conforme etapas do roteiro. Os momentos da pesquisa foram realizados conforme as etapas abaixo:

- Etapa 1: Seleção dos alunos para participarem dos grupos focais, entrega e devolução dos Termos de Consentimento
- Etapa 2: Geração de dados (encontros dos grupos focais)
- Etapa 3: Descrição dos encontros e transcrição das gravações

Antes de ir a campo, foi construído um roteiro afim de guiar os encontros, os quais foram divididos em três momentos, conforme diferentes opções de acervo: livros da biblioteca; livros já conhecidos pelos alunos (trabalhados e/ou contados durante prática e estágio) e livros do PNBE, do ano de 2010. Para cada momento e acervo, foram delimitados um cronograma diário, informando o *dia* do encontro; a *questão / foco* para conduzir os momentos; o *desenvolvimento*, explicando os caminhos a percorrer e quais *recursos* seriam utilizados, conforme quadros abaixo:

<b>Dia</b>	<b>Questão / Foco</b>	<b>Desenvolvimento</b>	<b>Recursos</b>
<p><i>Primeiro encontro</i></p> <p>22 de março</p>	<p>Preferências de acordo com o acervo literário destinado às crianças na biblioteca da escola</p> <p>- Qual livro gostaria de ler?</p> <p>- Qual livro levaria para casa? Por quê?</p> <p>(problematizar a escolha dos livros: - por que escolheu esse e não aquele?)</p>	<p>Convidar os alunos, em grupos de três alunos – um trio por vez, para participarem do grupo focal, no espaço da biblioteca da escola. Propor primeiramente que eles escolham, entre o acervo da biblioteca, estante destinada às obras de literatura infantil, um livro que gostariam de ler. Fornecer um tempo, aproximadamente uns 5 minutos, para que possam ler e visualizar o livro. Em seguida, perguntar para cada um o porquê de escolheram determinado livro, atentando para possíveis discussões de preferências. Em seguida propor que escolham um outro livro, um livro que levariam para casa. Depois de escolhido, promover os 5 minutos aproximadamente de leitura e problematizar a escolha do segundo título. Para finalizar, pedir que digam qual dos livros mais gostaram e porquê. Caso troquem de livro, durante o tempo destinado para apreciação, questionar sobre o motivo da troca, mediando e intervindo uma discussão de preferências, de critérios ao escolher o livro.</p>	<p>- Gravador de voz (mp4)</p> <p>- Câmera digital</p> <p>- Acervo de livros de literatura infantil da biblioteca da escola</p>

<b>Dia</b>	<b>Questão / Foco</b>	<b>Desenvolvimento</b>	<b>Recursos</b>
<p><i>Segundo encontro</i></p> <p>26 de março</p>	<p>Preferências de acordo com livros já conhecidos e trabalhados em práticas pedagógicas e estágio obrigatório, utilizados em Hora do Conto e trabalhos pedagógicos, que tinham como eixo o respectivo livro.</p>	<p>Convidar os alunos, em grupos de três e quatro, sendo um trio e um quarteto por vez, para participarem do segundo encontro do grupo focal, no espaço da biblioteca da escola. Propor primeiramente que escolham, entre o acervo selecionado e disponibilizado a eles (livros já trabalhados em práticas e estágio), um livro que gostariam de ler. Fornecer um tempo,</p>	<p>- Gravador de voz (mp4)</p> <p>- Câmera digital</p> <p>- Livros de literatura infantil já conhecidos (13 títulos):</p> <p>- O menino</p>

	<p>- Qual livro gostaria de ler?</p> <p>- Qual livro escolheria para a professora ler para turma?</p> <p>- Qual livro sugeriria para a professora planejar um trabalho, uma atividade?</p> <p>(problematizar a escolha dos livros: - por que escolheu esse e não aquele?)</p>	<p>aproximadamente uns 5 minutos, para que possam ler e visualizar o livro. Em seguida, perguntar para cada um o porquê de escolheram determinado livro, atentando para possíveis discussões de preferências.</p> <p>Propor a segunda escolha, sugerindo que escolham um livro de acordo com a seguinte pergunta: "Qual livro escolheria para a professora ler para turma?"</p> <p>Disponibilizar um tempo para folhearem e lerem o livro.</p> <p>(problematizar a escolha dos livros: - por que escolheu esse e não aquele?)</p> <p>Em seguida propor que escolham um outro livro, de acordo com a pergunta "Qual livro sugeriria para a professora planejar um trabalho, uma atividade?"</p> <p>Disponibilizar um tempo para folhearem e lerem o livro.</p> <p>(problematizar a escolha dos livros: - por que escolheu esse e não aquele?)</p> <p>Para finalizar, pedir que digam qual dos livros mais gostaram e porquê. Caso troquem de livro, durante o tempo destinado para apreciação, questionar sobre o motivo da troca, mediando e intervindo uma discussão sobre preferências, de critérios ao escolher o livro.</p>	<p>maluquinho;</p> <p>- Até as princesas soltam pum;</p> <p>- Beleléu</p> <p>- O carteiro chegou</p> <p>- A galinha ruiva</p> <p>- Marcelo, marmelo, martelo</p> <p>- Tico e os lobos maus</p> <p>- A bruxa Salomé</p> <p>- Maria vai com as ouras</p> <p>- Os direitos das crianças segundo Ruth Rocha</p> <p>- Menina bonita do laço de fita</p> <p>- Chapeuzinho Amarelo</p> <p>- Na minha escola todo mundo é igual</p>
--	---	---	---

<b>Dia</b>	<b>Questão / Foco</b>	<b>Desenvolvimento</b>	<b>Recursos</b>
<p><i>Terceiro encontro</i></p> <p>29 de março</p>	<p>Preferências de acordo com os livros selecionados pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC).</p> <p>- Qual livro gostaria de ler?</p> <p>- Qual livro escolheria para ler nas férias?</p> <p>- Qual livro daria de presente a um colega?</p> <p>(problematizar a</p>	<p>Convidar os alunos, em grupos de três e quatro, sendo um trio e um quarteto por vez, para participarem do terceiro encontro do grupo focal, no espaço da biblioteca da escola.</p> <p>Propor primeiramente que escolham, entre o acervo disponibilizado a eles (livros selecionados pelo PNBE), um livro que gostariam de ler. Fornecer um tempo, aproximadamente uns 5 minutos, para que possam ler e visualizar o livro. Em seguida, perguntar para cada um o porquê de escolheram determinado livro, atentando para possíveis discussões de preferências.</p> <p>Propor a segunda escolha, sugerindo que escolham um livro de acordo com a seguinte pergunta: "Qual livro escolheria para ler nas férias?"</p>	<p>- Gravador de voz (mp4)</p> <p>- Câmera digital</p> <p>- Livros de Literatura Infantil selecionados pelo PNBE (14 títulos)</p> <p>- A caixa de lápis de cor</p> <p>- Folha</p> <p>- Bicho-papão pra gente pequena, bicho-papão pra gente grande</p> <p>- Chiclete grudado embaixo da mesa</p> <p>- Rua Jardim, 75</p>

	<p>escolha dos livros: - por que escolheu esse e não aquele?)</p>	<p>Disponibilizar um tempo para folhearem e lerem o livro. (problematizar a escolha dos livros: - por que escolheu esse e não aquele?)</p> <p>Em seguida, propor que escolham um outro livro, de acordo com a pergunta "Qual livro daria de presente a um colega?"</p> <p>Disponibilizar um tempo para folhearem e lerem o livro. (problematizar a escolha dos livros: - por que escolheu esse e não aquele?)</p> <p>Para finalizar, pedir que digam qual dos livros mais gostaram e por que. Caso troquem de livro, durante o tempo destinado para apreciação, questionar sobre o motivo da troca, mediando e intervindo uma discussão sobre preferências, de critérios ao escolher o livro.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O fazedor de amanhecer</li> <li>- Os saltimbancos</li> <li>- Marley, o cãozinho trapalhão</li> <li>- Pula, gato!</li> <li>- A princesinha medrosa</li> <li>- Se as coisas fossem mães</li> <li>- Se um dia eu for embora</li> <li>- Os japonesinhos</li> <li>- O casamento da princesa</li> <li>- Se um dia eu for embora</li> </ul>
--	---	---	---

Planejar os encontros foi um processo de criação de estratégias, o qual teve grande influência da minha orientadora, pois ela me incentivou à reflexão e auxiliou a nortear meus objetivos, colocando-os no papel a fim de aplicá-los na pesquisa. As perguntas formuladas inicialmente foram alteradas com o objetivo de qualificá-las e torná-las mais específicas e objetivas. Outras perguntas também surgiram, as perguntas hipotéticas, que permitem às crianças transformarem a entrevista em faz de conta, associando a uma atividade mais espontânea (GRAUE; WALSH, 2003).

Os três encontros foram realizados no mês de março, nos dias 22 (quinta-feira), 26 (segunda-feira) e 29 (quinta-feira), no turno em que os alunos têm aulas (tarde), em momentos em que não estivessem em aulas diferenciadas (educação física), para que isso não se tornasse um empecilho para eles participarem. Para Graue e Walsh (2003), a escolha de ocasiões da entrevista é um elemento importante, sendo necessário reservar para esse fim momentos de calma, nos quais as crianças se sintam mais interessadas e não tenham que escolher entre uma aula diferenciada e um outro tipo de atividade, no caso a pesquisa.

A metodologia do grupo focal foi pensada com o intuito de promover discussões entre os alunos participantes, para que, de forma espontânea, eles interagissem, proporcionando, nos momentos de conversas, possíveis elementos significativos que contribuíssem para a identificação dos critérios de escolha dos livros.

Em alguns momentos, foram necessárias intervenções através de questionamentos com a intenção de que as crianças expressassem de forma mais clara suas escolhas frente aos livros. Percebi que algumas delas gostavam de escolher um livro e comentar sobre ele, tanto com os colegas, quanto comigo, o que tornou-se proveitoso para mim, pois aproveitei para escutá-los e filtrar informações que eram importantes para a identificação dos critérios que eu estava investigando. Nesses momentos elas ficavam mais descontraídas, conversando como se estivessem com um amigo.

## 4 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS ACERVOS

Nesta seção caracterizo os três acervos de livros utilizados nos encontros dos grupos focais: o primeiro conjunto de livros era composto pelos da biblioteca da escola, o segundo refere-se aos livros já conhecidos pelos alunos em situações de práticas pedagógicas e estágio curricular e o terceiro diz respeito aos livros selecionados pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) do ano de 2010.

### 4.1 ACERVO DA BIBLIOTECA DA ESCOLA



O primeiro conjunto de livros foi composto pelo acervo disponibilizado na biblioteca da escola, envolvendo títulos diversos, expostos nas estantes destinadas à literatura infantil. Foi orientado que os alunos escolhessem um título de literatura infantil, cabendo então a escolha de um livro,

não abrangendo outros materiais do tipo revista, jornais ou gibi.

A biblioteca da escola localiza-se no térreo de um dos prédios de aula. Possui acervos diferenciados, atendendo a diferentes públicos. É um espaço tranquilo, com pouca movimentação, exceto quando alguns alunos vão pedir materiais, revistas para recorte.

A retirada de livros é livre e independente, não havendo frequência de retiradas pelas turmas, conforme cronograma de dias e hora, determinado para cada turma visitar a biblioteca. Aqueles alunos que gostariam de retirar um livro devem preencher um documento de cadastro, com informações pessoais e assinatura dos

responsáveis, se comprometendo e estando cientes do empréstimo desses materiais. O empréstimo é semanal, podendo ser prorrogado por mais períodos.

Duas estantes são destinadas à leitura infanto-juvenil, uma grande e outra pequena, localizando-se próximo à janela, que fica no fundo da sala. Uma delas, a maior, é alta, impossibilitando o manuseio de alguns livros pelas crianças, pois elas não alcançam. Tem livros nos dois lados. Livros mais novos, livros mais antigos. Livros mais manuseados, e outros nem tanto. Na outra estante, a menor e mais baixa, há gibis em algumas prateleiras e, em outras, livros de literatura infantil.

Observa-se que o acervo contempla algumas obras clássicas, contos de fadas, fábulas, etc. Podemos encontrar também outros livros: livros de tamanhos menores, com poucas páginas e pouco texto, de pequenas coleções, aquelas vendidas em algumas feiras e até mesmo na própria escola. Esses são mais acessíveis e mais populares entre as crianças. Cada coleção tem normalmente dez livros, acompanhados de um CD interativo com jogos para ser utilizado no computador. As histórias são sobre bonecas, carros, super heróis, animais (mar / floresta; mamíferos / aves, etc).

#### 4.2 ACERVO DOS LIVROS CONHECIDOS PELAS CRIANÇAS

O segundo conjunto de livros contemplou as obras já conhecidas pelos alunos, tendo sido trabalhadas nos períodos de práticas pedagógicas e estágio.

Os títulos utilizados, tanto nas práticas quanto no estágio de docência, foram escolhidos com a intenção de atender as necessidades dos alunos, quando, por exemplo, solicitavam histórias a serem contadas durante ou no final da aula, de maneira a envolver uma hora do conto, uma leitura por prazer, na rotina; ou também para desenvolver trabalhos, sendo utilizados como



ferramentas de aprendizagem, servindo de eixos a serem trabalhados em diferentes conteúdos.

Os livros selecionados no respectivo conjunto foram os seguintes:

	<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Ilustrador</b>	<b>Editora</b>
1	A bruxa Salomé	Audrey Wood	Dom Wood	Ática
2	A galinha ruiva	Roberto Martins	Roberto Martins	Paulus
3	Até as princesas soltam pum	Ilan Brenman	Ionit Zilberman	Brinque-Book
4	Chapeuzinho Amarelo	Chico Buarque	Ziraldo	José Olympio
5	Marcelo, marmelo, martelo	Ruth Rocha	Adalberto Cornavaca	Salamandra
6	Maria vai com as outras	Silvia Orthof	Eva Furnari	Ática
7	Menina bonita do laço de fita	Ana Maria Machado	Claudius	Ática
8	Na minha escola todo mundo é igual	Rossana Ramos	Priscila Sanson Cortez	Cortez
9	O carteiro chegou	Janet & Allan Ahlberg	Janet Ahlberg	Companhia das Letrinhas
10	O menino maluquinho	Ziraldo	Ziraldo	Melhoramentos
11	Os direitos das crianças segundo Ruth Rocha	Ruth Rocha	Eduardo Rocha	Companhia das Letrinhas
12	Tico e os lobos maus	Valeri Gorbachev	Valeri Gorbachev	Brinque-Book

#### 4.3 ACERVO SELECIONADO A PARTIR DO PNBE 2010

O terceiro e último conjunto de livros englobou algumas obras do acervo selecionado pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), correspondente ao ano de 2010 e desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC).



Para tratar do respectivo programa, foram analisados materiais publicados no portal eletrônico do Ministério da Educação<sup>5</sup> (MEC) e Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação<sup>6</sup> (FNDE), buscando-se ler o edital<sup>7</sup>, referente ao ano de 2010, do qual foram selecionadas as obras.

<sup>5</sup> <http://portal.mec.gov.br/>

<sup>6</sup> <http://www.fnnde.gov.br/index.php/be-consultas>

<sup>7</sup> Documento descrito como: “[Edital PNBE 2010](#)”, retirado do portal do FNDE.



O Programa Nacional Biblioteca da Escola, conhecido por PNBE, é desenvolvido desde 1997, através do Ministério da Educação (MEC), distribuindo, de forma universal e gratuita, livros às bibliotecas de escolas públicas, das redes municipal, estadual, federal e do Distrito federal, cadastradas no Censo Escolar. Esse programa tem o objetivo de promover o acesso à cultura, incentivando a leitura por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, selecionadas anualmente.

Para o MEC (BRASIL, 2012, [s.p.])

A apropriação e o domínio do código escrito contribuem significativamente para o desenvolvimento de competências e habilidades importantes para que os educandos e educadores possam transitar com autonomia pela cultura letrada.

Sendo assim, o Ministério da Educação acredita que o investimento contínuo na distribuição de materiais de leitura variados pode contribuir tanto com a leitura literária, quanto com a leitura como instrumento de ampliação de conhecimentos, especialmente no que se refere ao aprimoramento das práticas educativas entre os professores.

Conforme o Edital de 2010, o programa divide-se em três ações: avaliando e distribuindo as obras literárias, cujos acervos literários são compostos por textos em prosa (novelas, contos, crônica, memórias, biografias e teatro), em verso (poemas, cantigas, parlendas, adivinhas), livros de imagens e livros de história em quadrinhos; o PNBE Periódicos, que avalia e distribui periódicos de conteúdo didático e metodológico para as escolas da educação infantil, ensino fundamental e médio e o PNBE do Professor, que tem por objetivo apoiar a prática pedagógica dos professores da educação básica e também da Educação de Jovens e Adultos por meio da avaliação e distribuição de obras de cunho teórico e metodológico.

O programa é uma parceria entre o Ministério da Educação, por intermédio da Secretária de Educação Básica – SEB e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE, em cooperação com a secretaria de Educação Especial – SEESP e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD.

Os livros a serem selecionados devem atender critérios estabelecidos em edital, constituído pelo PNBE, o qual tem por objeto a convocação de editores para inscrição de obras de literatura voltadas para os diferentes públicos, de educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental e para alunos da educação de jovens e

adultos. Posteriormente às inscrições, desenvolve-se um processo de avaliação, seguindo critérios estabelecidos de formatação, e então finaliza-se com a seleção.

Os acervos serão compostos por obras de diferentes níveis de complexidade, de forma que as crianças, jovens e adultos tenham acesso a obras para serem lidas com autonomia e outras para serem lidas com a mediação do professor. É avaliada também a qualidade do texto, a adequação dos temas de interesse do público, a representatividade das obras e os aspectos gráficos. São analisados aspectos de coerência, consistência narrativa, adequação de linguagem ao público, bem como a inexistência de nenhum tipo de preconceito e estereótipos, sendo eticamente adequados.

Conforme o documento PNBE 2010<sup>8</sup>, que descreve as obras selecionadas no respectivo ano, o acervo contou com 249 títulos, de diferentes editoras, a serem distribuídos nas bibliotecas das escolas públicas. Partindo do princípio do programa, que tem como objetivo oportunizar e garantir acesso das pessoas aos materiais de leitura, tem-se a ideia de que:

[...] o MEC busca dar consequência à Declaração Universal dos Direitos Humanos, que em seu artigo XXVII, assegura a toda pessoa o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do processo científico e de seus benefícios. Portanto é necessário garantir aos alunos e professores da rede pública de ensino o acesso à cultura e à informação, estimulando a leitura como prática social. (BRASIL, 2010, p. 25)

Entre as obras selecionadas pelo PNBE 2010, foram separados alguns títulos distribuídos à biblioteca da escola. Lá havia chegado uma caixa com os livros do PNBE 2010, os quais ainda não estavam disponíveis nas estantes de empréstimos da biblioteca, pois não estavam catalogados. No período em que fui à escola, o bibliotecário estava organizando os livros para em seguida disponibilizar no acervo. Na caixa havia alguns títulos misturados, de diferentes anos, 2008 e 2010, porém a maior concentração era do ano de 2010, daí então a escolha em utilizar esse acervo.

Da seleção do ano de 2010 havia 20 títulos, do ano de 2008 6 títulos. Escolheu-se, então, a que prevalecia, a do ano de 2010. Dentre os títulos, foram escolhidos 15, conforme possível adequação do texto ao nível de compreensão dos

---

<sup>8</sup> Documento intitulado "[PNBE/2010](#)" referente ao acervo selecionado no ano de 2010, retirado do portal do MEC.

alunos. Os demais livros que sobraram, 5 títulos, não foram escolhidos pois não contemplavam a faixa etária do grupo de investigação. Os livros escolhidos foram:

	<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Ilustrador</b>	<b>Editora</b>
1	A caixa de lápis de cor	Maurício Veneza	Mauricio Veneza	Editora Positivo
2	A princesinha medrosa	Odilon Moraes	Odilon Moraes	Companhia das Letrinhas
3	Bicho-papão pra gente pequena, bicho-papão pra gente grande	Sonia Travassos	Jean Claude Alphen	Rocco
4	Chiclete grudado embaixo da mesa	Rossana Rios	Wagner Willian	Frase e Efeito Estúdio Editorial
5	Folha	Stephen Michael King	Stephen Michael King	Brinque-Book
6	Marley, o cãozinho trapalhão	Grogan John	Richard Cowdrey	Prestígio Editorial
7	O fazedor de amanhecer	Manoel de Barros	Zivaldo	Salamandra
8	O casamento da princesa	Celso Sisto	Simone Mathias	Editores Prumo
9	Os japonesinhos	Lázaro Simões Neto	Laura Beatriz Almeida	Petrópolis
10	Os saltimbancos	Chico Buarque; Sérgio Bardotti	Zivaldo	José Olympio
11	Pula, gato!	Marilda Castanha	Marilda Castanha	Scipione
12	Quando eu era pequena	Adelia Prado	Elisabeth Teixeira	Record
13	Rua Jardim, 75	Ana Terra	Ana Terra	Larousse do Brasil
14	Se as coisas fossem mães	Sylvia Orthof	Ana Raquel	Editores Nova Fronteira
15	Se um dia eu for embora	Anna Gobel	Anna Gobel	Autêntica Editora

## 5 CRITÉRIOS DE ESCOLHA DOS LIVROS PELAS CRIANÇAS

A partir das recorrências identificadas nos dados gerados, advindos encontros dos grupos focais, foi possível agrupar os critérios utilizados pelas crianças para selecionar os livros nos seguintes eixos, apresentados a seguir: aspectos gráfico-visuais da obra referentes às ilustrações, à extensão do texto e à fonte utilizada; preferências temáticas do leitor; função utilitário-pedagógica da literatura; mídia e relações de gênero.

### 5.1 ASPECTOS GRÁFICO-VISUAIS

Nesta seção serão abordados os critérios de escolha dos livros contemplados pelo eixo dos “aspectos gráfico-visuais”, no que se refere às ilustrações, à extensão do texto e à fonte utilizada.

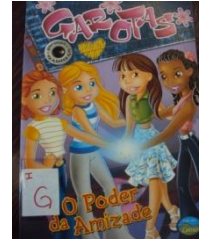
Os livros infantis são organizados com texto e com imagens, já que “o mundo dos livros infantis não é feito só de palavras, mas também de desenhos” (CAMARGO, 1995, p. 56). Caracteriza-se por reunir linguagem verbal e visual, utilizando-se de recursos imagéticos, a ilustração. Camargo (1995, p. 16) discorre que “ilustração é toda imagem que acompanha um texto. Pode ser um desenho, uma pintura, uma fotografia, um gráfico, etc.”. A imagem faz parte da organização e do projeto gráfico-visual do livro, seja como figura ou quanto à própria forma de disponibilizar esteticamente um texto, com uma letra maior ou menor, complementando e enriquecendo a história.

Compreende-se que a ilustração tem várias funções, “seja no livro ilustrado, em que a ilustração dialoga com o texto, seja no livro de imagem, em que a ilustração é a única linguagem, e ilustração pode ter várias funções” (CAMARGO, 1995, p. 33). Tais funções podem ser interpretadas por sua significação na obra, servindo a imagem como função descritiva, descrevendo objetos, cenários, personagens; narrativa, narrando através da imagem uma ação, simbólica; funcionando como caráter metafórico da história; expressiva, demonstrando emoções e sentimentos através de expressões faciais, gestos e posturas; estética,

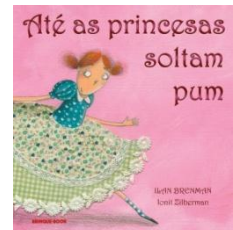
ressaltando os recursos artísticos dos quais foram constituídos a ilustração; lúdica, constituídos de materiais e recursos diversificados; e uso de metalinguística, que ilustrando brinca com o sentido das palavras (CAMARGO, 1995).

Com a geração de dados, observou-se que os livros apresentados envolvendo investimentos em cor e imagens na capa serviram como estímulo, instrumento atrativo, sendo critério na hora de escolha. As narrativas das crianças abaixo justificam tais preferências:

Helena: A capa é toda colorida, tem um montão de cor.  
Livro: Garotas – O poder da amizade  
Acervo da biblioteca - 3ª escolha – “Escolher um livro que levariam para casa”



Júlia: É porque tem páginas bonitas, rosas, tem muitas princesas, as cores...”  
Livro: Até as princesas soltam pum  
Acervo já conhecido pelas crianças – 1ª Escolha: “Qual livro gostaria de ler?”



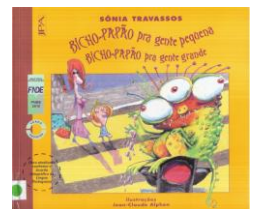
Helena: Porque ele é colorido, cheio de detalhes, os desenhos dessa parte (contra capa), tem muita gente desenhada.  
Livro: O menino maluquinho  
Acervo já conhecido pelas crianças – 3ª Escolha: “Qual livro sugeriria para a professora planejar um trabalho, uma atividade?”



Rodrigo: [...] O Bicho-papão da capa é muito feio, chama muito atenção  
Livro: Bicho-papão pra gente pequena, Bicho-papão pra gente grande  
Acervo selecionado pelo PNBE/2010 – 3ª Escolha: “Qual livro daria de presente a um colega?”



Helena: Escolhi por causa que eu achei legal, os monstros na capa, é todo colorido essas parte (capa), o monstro é interessante... é estranho. Os desenhos são muito bonitos, a história deve ser legal [...] Livro: Bicho-papão pra gente pequena, Bicho-papão pra gente grande  
Acervo selecionado pelo PNBE/2010 – 1ª Escolha: “Qual livro gostaria de ler?”



Uma leitura estético-visual, conforme observado a partir das seleções das crianças, permeia primeiramente suas escolhas, pois grande parte dos alunos julgam os livros pelas imagens, pela capa ou páginas. A primeira atitude que tem,

movidos de curiosidade, é olhar a capa, folhear páginas, observar as imagens. A ilustração serve para “adiantar” o que a obra vai tratar, pois, em diversos livros, o aluno, antes mesmo de ler todo o texto, pode visualizar e saber do que a história se trata e, sem ler as histórias, apenas analisando as imagens, trocam quando não é de agrado.

A capa media as primeiras relações das crianças com o determinado material, e quase sempre é suficiente para determinar as escolhas dos alunos, visto que causa a primeira impressão do livro à criança. A capa tem papel de destaque do livro, é um dos aspectos iniciais que o leitor avalia para compor sua escolha. Sendo ilustrada, convidativa, propicia a curiosidade dos alunos e o convite ao ler a história.

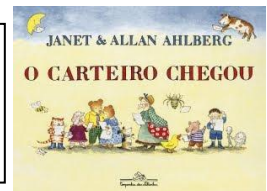
É necessário destacar a grande oferta de livros com características imagéticas, são o caso das editoras puramente comerciais, que pouco se preocupam com a estética e conteúdo dos livros. Justamente eram esses livros os que estavam entre os mais escolhidos pelos alunos. Eles apresentam a capa com elementos conhecidos pelas crianças, super-heróis, ou diferentes modelos de bonecas e garotas, para conquistar determinado público infantil. Apresentam-se por um livro de tamanho menor, com poucas páginas e texto curto. Esses livros têm custos baixos, devido ao pouco investimento das editoras, o que possibilita mais o acesso das crianças a eles, já que a maioria dos alunos tinha algum livro semelhante em casa.

Outro quesito de recorrência foi a extensão do texto e a fonte das publicações. Observou-se que os alunos recorrem a obras que não tenham uma quantidade grande de texto, que seja de uma extensão próxima ao que estejam familiarizados a ler. Além de observarem as imagens, a quantidade pequena de texto, notou-se que a fonte dos escritos influencia significativamente as escolhas. A letra deve ser clara à leitura, de tamanho adequado e fonte agradável, conforme as justificativas:

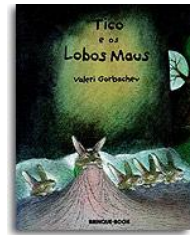
Kátia: Eu consigo ler, entender as letras e é pouco... [texto]  
 Livro: Flora – Histórias de bonecas: Susto na praia  
 Acervo da biblioteca – 1ª escolha “Qual livro vocês escolheriam para ler?”



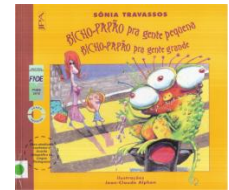
Nathan: Quando tem muita coisa escrita é ruim de ler.  
 Livro: O carteiro chegou  
 Acervo já conhecido pelas crianças – 1ª Escolha: “Qual livro gostaria de ler?”



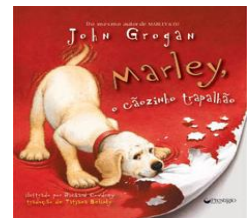
Fernando: Olha aqui as letras. É que é muito pequena... Esse aqui tem muitos desenhos [...] não gostei tanto, porque eu gosto de letra solta  
 Livro: Tico e os lobos maus  
 Acervo já conhecido pelas crianças – 1ª Escolha: “Qual livro gostaria de ler?”



Rodrigo: Eu vou dar um que tem o texto maior.../ A letra é pequena, é de puxar os olhos pra ler...  
 Livro: Bicho-papão pra gente pequena, Bicho-papão pra gente grande  
 Acervo selecionado pelo PNBE/2010 – 3ª Escolha: “Qual livro daria de presente a um colega?”

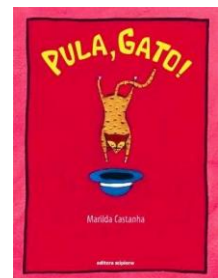


Helena: Uaaau... esse aqui é muito grande  
 Livro: Marley, o cãozinho trapalhão  
 Acervo selecionado pelo PNBE/2010 – 1ª Escolha: “Qual livro gostaria de ler?”



No que se refere à concepção de leitura visual pelos alunos, percebeu-se que eles não caracterizam a ilustração como passível de leitura, pois, para eles, se não tem texto, não dá para ler, “não tem nada” ou é “só de olhar”, compreendendo-se que a imagem necessita ser subsidiada concomitantemente pela palavra.

Rodrigo: O Fran, não tem livro de ler? Só de olhar? Eu peguei só de olhar!  
 Livros: A caixa de lápis de cor e Pula, gato! (livro de imagens, sem texto verbal)  
 Acervo selecionado pelo PNBE/2010 – 1ª Escolha: “Qual livro gostaria de ler?”



Júlia: Fran, esse aqui não tem nada oh...  
 Livro: A caixa de lápis de cor (livro de imagens, sem texto verbal)  
 Acervo selecionado pelo PNBE/2010 – 1ª Escolha: “Qual livro gostaria de ler?”



Helena: Quase não tem historinha, mas tem um montão de desenhos que ela iria gostar. A capa é dura, é diferente das outras capas mole, é que nem caderno, só que é de outro tamanho.  
 Livro: Folha  
 Acervo selecionado pelo PNBE/2010 – 3ª Escolha: “Qual livro daria de presente a um colega?”



Tradicionalmente espera-se que os livros apresentem alguma quantidade de texto: os livros apenas de imagens são reconhecidos como “livros sem texto” (CAMARGO, 1995, p. 70). Essa ausência de texto verbal tornou-se um elemento de conflito aos alunos, já que o texto não existe inicialmente, é uma história aberta, devendo ser criada pelo leitor a partir da visualização e da observação das imagens.

Para os alunos, a imagem tem papel decisório na escolha das obras, visto que, quando não está associada a algum texto, os alunos escolhem outro livro que tenha o conjunto imagem e texto verbal.

## 5.2 PREFERÊNCIAS TEMÁTICAS DO LEITOR

No momento da geração dos dados, quando os acervos foram disponibilizados às crianças, elas procuravam livros, inicialmente, olhando para capa, buscando algo que fosse interessante para cada uma: histórias de ação, de super-heróis, princesas, etc. Como segunda atitude, folheavam as páginas, comparando se a primeira impressão do livro, escolhido conforme uma preferência, ou temática que chamasse atenção, correspondia ao que esperavam.

Neste eixo, especialmente, pode-se perceber a variedade de preferências entre as crianças. Nem todas se agradam pelas mesmas coisas, sobretudo, nem sempre o que nós, educadores ou pais, propomos aos alunos é recebido como algo que desperte interesse, já que cada uma tem seu critério de escolha dos livros, a sua temática predileta; o seu, ou seus, personagens favoritos; as histórias que remetam lembranças de algum momento de suas vidas.

Verificou-se que as meninas se interessaram significativamente por contos de fadas, conforme a justificativa de Helena:

Helena: Eu gosto de sereia, princesa e qualquer tipo de conto de fadas.

Livro: Garotas – O poder da amizade

Acervo da biblioteca – Escolha livre, conforme iam acabando a leitura do livro da primeira escolha





Nesse excerto, o que permeou a escolha do primeiro conjunto de livros, dentre as várias obras de literatura infantil ofertadas no acervo da biblioteca da escola, foi um tema que a aluna considerava como preferência: conto de fadas. Para Corso e Corso (2006), os contos de fadas apresentam a fantasia, propiciam o imaginário infantil e são considerados imprescindíveis na vida das crianças, visto que não é possível viver sem escape, sem sonhar.

A fantasia guiou as escolhas de Helena, conforme citado anteriormente, e também a seleção do Fernando, que optou por escolhas de ação, de super-herói:

Fernando: Ah Fran, eu queria escolher do meu jeito, que é como eu falei, de aventura. Eu escolheria de super-herói.  
Acervo já conhecido pelas crianças

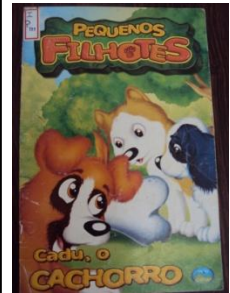
O excerto acima parte do momento em que o Fernando não se agradou dos livros que foram propostos, querendo recorrer a títulos que fossem do seu agrado, visto que o conjunto apresentando, acervo já conhecido pelas crianças, não o satisfaz. A justificativa dele apresentou critérios de escolha relacionados à temática da fantasia, da ação, envolvendo super-heróis. Esse gênero literário, que classificaria a escolha do aluno, é denominado “fantasia moderna” ou “realismo fantástico”, pois:

[...] contém elementos inexistentes da realidade, narram situações com Animais personificados; Objetos animados, especialmente brinquedos; Personagens minúsculos; Personagens ou situações extraordinárias; Mundos Extraordinários; Poderes mágicos; Suspense e sobrenatural; Viagens no tempo e Modelo de alta fantasia” (COLOMER, 2003, p. 193)

Nesta perspectiva, os personagens principais são super-heróis e influenciariam significativamente as escolhas dos alunos. Nota-se que Fernando busca eleger livros de acordo com o personagem “Eu escolheria de super-herói”. Para Kergueno (1986) *apud* COLOMER, 2003, p. 200) os personagens são um ponto essencial, uma vez que “as histórias demasiado insignificantes, sem verdadeiros heróis, são esquecidas rapidamente”. Assim os personagens assumem papel fundamental e indispensável na estrutura das histórias para possibilitarem sua compreensão e significação. Reuter (1988) *apud* COLOMER, 2003, p. 201) também aponta a necessidade da inserção deles nos contos, já que o personagem serve como organizador do texto e como suporte fundamental dos valores propostos e da interpretação da obra.

A aluna Laura optou pelo livro “Cadu o cachorro”, motivada pelos cães da capa “Olha que fofinho sora, olha que lindinhos”, assim como pelo fato de abordar uma característica humana: a bondade, a solidariedade.

Laura: Olha que fofinho sora, olha que lindinhos... (observando a capa; em seguida, Karine diz à Laura que gostou dos cachorrinhos) Esse aqui, o Cadu, ajuda todos os amiguinhos dele. Ele pega um osso e leva para os amiguinhos dele. Depois eles dormem juntos com ele. Eu achei legal, ele ajuda as pessoas, os amiguinhos dele... eu gostei porque ele é legal, faz um monte de coisa boa.[...]  
Livro: Pequenos Filhotes: Cadu, o cachorro  
Acervo da biblioteca – Escolha livre, conforme iam acabando a leitura do livro da primeira escolha



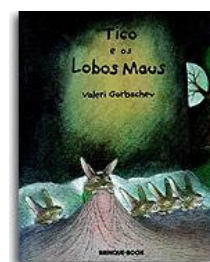
Percebe-se que “as histórias de animais derivam diretamente das fábulas e tiveram sempre grande presença nos livros infantis” (COLOMER, 2003, p. 190). São motivadoras nas escolhas, principalmente pelas meninas, pois elas consideram esses animais bonitinhos, fofinhos, etc. Nesse tipo de conto, utilizando os animais como personagens centrais, as narrativas demonstraram:

[...] por um lado, sua utilização como personagens humanizados para descrever a sociedade humana, [...] por outro lado, a descrição realista dos animais, normalmente convivendo com os protagonistas crianças ou jovens, para tratar de sentimentos de afeto, lealdade ou de socialização em geral. (COLOMER, 2003, p. 190)

A apresentação do personagem “Cadu”, o cachorro da história, como figura de sentimento solidário, que ajuda os amigos, os filhotes, conquistou Laura, talvez pelo fato de ela avaliar o comportamento e atitude do cachorro como correta e de exemplo a ser seguido.

Ainda, houve a narrativa de Fernando que definiu seus critérios de escolha a partir de histórias que fossem mais “reais”, que não dessem abertura à imaginação. Eis sua justificativa para recusar o livro “Tico e os lobos maus”:

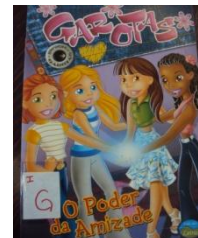
Fernando: Porque é muita invenção, muita invenção, eu gosto de história real  
Livro: Tico e os lobos maus  
Acervo já conhecido pelas crianças - 1ª escolha – “Qual livro gostaria de ler?”



Pode-se perceber isso na sua fala, quando ele critica o livro em que o personagem principal, Tico, imagina que lobos estão prestes a lhe atacar, amedrontando ele e sua família. Felipe mencionou que preferia histórias reais, e não as que inventassem situações longes do cotidiano e fantasiassem. Essa justificativa também pode estar permeada pela associação do livro “Tico e os lobos maus” destinado a crianças menores. Assim, o livro não seria destinado a ele, mas a alunos mais novos, já que traria elementos imaginativos que não contemplariam curiosidades e interesses de sua faixa etária.

Outro requisito que exemplifica o critério tratado nesse eixo é a associação que os alunos fazem das histórias às suas experiências, ao momento em que as vivenciaram, aos sonhos e memórias que despertam:

Helena: Por causa que me lembra as minhas amigas, e eu gosto de ver elas.”  
 Livro: Garotas – O poder da amizade  
 Acervo da biblioteca - 3ª escolha – “Escolher um livro que levariam para casa”



Helena: Por causa que quando eu crescer eu queria ser astronauta, eu li o título e achei interessante.  
 Livro: Flora – Histórias de boneca: Uma conversa sobre estrelas  
 Acervo da biblioteca – 1ª Escolha: “Qual livro gostaria de ler?”



Helena: [...] por causa que uma vez, quando eu tinha 5 anos, eu via um desenho chamado Dango Balango, e isso me lembrou, e nas minhas férias eu via isso. Então por isso que eu peguei esse livro.  
 Livro: Os saltimbancos  
 Acervo selecionado pelo PNBE/2010 – 2ª Escolha: “Qual livro escolheria para ler nas férias?”



As diferentes justificativas de Helena simbolizam questões que remetem a escolhas subsidiadas conforme temáticas de seu interesse. Na seleção do livro “Garotas - o poder da amizade”, ela mencionou que havia escolhido devido ao fato de lembrar suas amigas. A escolha “Flora – uma conversa sobre estrelas” derivou pelo desejo de um sonho: “Por causa que quando eu crescer eu queria ser astronauta”. A seleção seguinte, “Os saltimbancos”, trouxe a opção de escolha

conforme uma lembrança que a aluna teve e que, provavelmente, poderia reviver esse momento a partir de uma leitura. Ambas narrativas se enquadraram no significado que a aluna atribuiu às obras, devido a uma relação que atribui a particularidades. Corcoran e Evans (1987 *apud* Colomer, 2003), apontam que, nesse caso, os leitores exercem uma atividade mental na qual se “[...] identificam com os personagens e as situações e ficam emocionalmente imersos no texto”.

Neste respectivo eixo, observaram-se justificativas de escolhas de livros pelos alunos determinadas por temáticas que os participantes achavam interessantes, gêneros literários preferidos, personagens que agradavam e contextos baseados em experiências individuais que traziam, para cada sujeito, memórias de vivências.

### 5.3 FUNÇÃO UTILITÁRIO-PEDAGÓGICA DA LITERATURA

A função utilitário-pedagógica da literatura infantil consiste na compreensão de que o livro assume papel educativo e moral sobre a criança. Esse material oferecido às crianças pelos adultos, pais e educadores, teria como função a reflexão, mesmo que inconscientemente, pois esse seria portador de mensagem informativa, social, transmissão de valores para os destinatários, no caso, as crianças (ANNIBAL; BARBOSA; BOLDARINE, 2010)

A visão adulta define o que considera adequado ou não à leitura, não permitindo muitas vezes que a criança escolha aquilo que desperte nela algum interesse, pois tem-se atrelada nessa escolha literária uma função utilitário-pedagógica que a faz ser mais pedagogia do que literatura (OLIVEIRA; PALO, 2003)

Ainda hoje se encontram preceitos de utilização da literatura como função pedagógica associada à transmissão de valores, recheada de interesses pedagógicos, ao invés de uma leitura livre, sem compromisso com algum objetivo dos adultos, sejam pais ou professores. Essa ideia utilitário-pedagógica nos acompanha desde o século XVIII, em que:

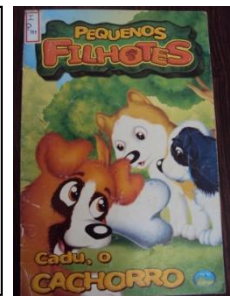
[...] esses livros não tinham apenas o objetivo de entreter a criança ou de transmitir-lhe noções morais. Muitos visavam, propriamente, transmitir, de maneira suave, os conhecimentos necessários às várias idades. (MEIRELES, 1951, p. 99)

Embora o livro seja dirigido à criança, ele é de invenção e intervenção do adulto, pois transmite instruções do ponto de vista de que esse julga úteis à formação de seus leitores, os infantes. Sobretudo, aprenderiam via texto literário aquilo que a sociedade julga como verdade social, assim esses valores deveriam chegar às crianças através dos livros, como conhecimento necessário e indispensável em determinados momentos da vida, especificamente numa faixa etária mais baixa.

Essa função pedagógica, considerada a dominante da produção literária destinada à infância (OLIVEIRA; PALO, 2003), acaba sendo absorvida pelas crianças, visto que elas observam os pontos moralizadores nas obras e avaliam como questões positivas, que devem ser incorporadas pelo sujeito, conforme as justificativas abaixo:

Laura: Esse aqui, o Cadu, ajuda todos os amiguinhos dele. Ele pega um osso e leva para os amiguinhos dele. Depois eles dormem juntos com ele. Eu achei legal, ele ajuda as pessoas, os amiguinhos dele... eu gostei porque ele é legal, faz um monte de coisa boa.[...] Ele ajuda as pessoas, ele é carinhoso com as pessoas...

Livro: Pequenos Filhotes: Cadu, o cachorro  
Acervo da biblioteca – Escolha livre, conforme iam acabando a leitura do livro da primeira escolha



Rodrigo: Porque eles são amigos e tem trabalho em equipe. É um livro importante, de trabalho em equipe, pra trabalhar em casa em equipe. Se alguém vai trocar a cama de lugar a gente ajuda um ao outro.

Livro: Marvel: I.M.A. Ataca  
Acervo da biblioteca – Escolha livre, conforme iam acabando a leitura do livro da primeira escolha



Nas falas acima, podemos perceber que as crianças reconhecem a mensagem dos livros e escolhem justamente esses porque trazem consigo essa mensagem pedagógica que pode ser implementada nas atitudes do cotidiano, como por exemplo, “ajudar as pessoas” (Laura) e colaborar com o “trabalho em equipe” (Rodrigo). Concomitantemente à leitura dos alunos aos materiais, reconhecemos que eles inferem significados conforme o objetivo que busca-se alcançar, tendo:

[...] uma interferência sobre o universo do usuário através do livro infantil, da ação de sua linguagem, servindo-se da força material que palavras e imagens possuem, como signo que são, de atuar sobre a mente daquele que as usa; no caso a criança.(OLIVEIRA; PALO, 2003, p. 13)

Assim, entende-se que o livro atua sobre a mente das crianças, conforme se prevê antecipadamente, com a finalidade e influência das palavras contidas nas histórias de adaptar a mente do leitor, tendo o intuito de que esses efeitos sejam de caráter construtivo de maneira a moldar identidades, sentimentos, práticas sociais e condutas (COSTA, 2003).

Outro aspecto que se mostrou relevante para a pesquisa foi a observação das produções atuais, em que nota-se o aumento relativo dos títulos que se referem a temáticas presentes no cotidiano, classificadas como “literatura realista”, expressão explicitada por Oliveira e Palo (2003, p. 10):

o que se nomeia por realista, aí, outra coisa não é senão trazer para o texto um conjunto de temáticas – pobreza, menor abandonado, pais separados, sexo, etc. – vinculadas, por contiguidade, ao contexto social no qual se pretende inserir a crianças.

Essas questões realistas, presentes do contexto das crianças, vem tendo ascensão cada vez mais, devido a suas problematizações no espaços escolares. Outro ponto que podemos observar nesses livros de caráter educativo é a presença marcante da diversidade cultural, que contribuiu para o favorecimento da mercantilização desse material, tendo a temática diferença como integrante do rol dos assuntos mais abordados da literatura infantil, já que as “narrativas que incorporam o politicamente correto atendem ao volumoso e sempre mercado editorial de livros com destinação pedagógica” (COSTA, 2003 p. 13).

A diversidade é uma temática ampla, que aborda diferentes perspectivas. Nas palavras de Costa (2003, p. 6):

Contemporaneamente, quando falamos de diversidade cultural, estamos, de várias maneiras, conectados aos discursos sobre raças, sobre gênero, sobre normalidade e anormalidade, sobre os deficientes, os excepcionais, os estranhos, os pobres, os hiperativos, os gordos, os loucos, os velhos, enfim sobre os incontáveis “outros” das sociedades que povoam o planeta. [...] Todos estes grupos estão, de diferentes formas e intensidade, implicados em práticas de governamentalidade (discursivas e não discursivas), entre elas, aquelas levadas à efeito pela maquinaria escolar, pela mídia, pela literatura, pelas ciências da saúde, etc.

As publicações investem nas produções com conteúdos relativos à diversidade cultural, já que atualmente há tendências em positivar as diferenças, demonstrando que estão presentes no cotidiano e que devemos compreendê-las como fator essencial e de valor. A importância dada à diferença poderia estar vinculada a uma crescente tendência de comercialização da experiência, não se tratando apenas de transformar a diferença em mercadoria, mas de potencializá-la,

de torná-la espetáculo, sentido sedutor, convertê-la em algo novo e desejável. (BONI; SILVEIRA; RIPOLL, 2010).

A partir dos dados gerados pelo grupo focal, percebeu-se que as crianças interpretaram os conteúdos de diversidade cultural dos livros e se posicionam frente aos assuntos tratados:

Laura: Porque esse aqui eu vi que é legal, porque tem o deficiente, tem os que são cantores, que fazem ballet de cadeira de rodas, que jogam vôlei de cadeira de rodas. O que me chamou mais atenção foram os deficientes, eles me dão pena também, porque tem uns que ficam sem braços...

Rodrigo: Eles são iguais, tipo, só que eles perderam o braço, a perna, daí eles não podem fazer tudo que nós né, só que é claro né, eles conseguem fazer os esportes, só que é mais difícil né.

Livro: Na minha escola todo mundo é igual  
Acervo já conhecido pelas crianças – 1ª Escolha: “Qual livro gostaria de ler?”



Nas narrativas descritas anteriormente, Laura e Rodrigo conversam sobre a visão do deficiente que o livro “Na minha escola todo mundo é igual” apresenta, sendo esses sujeitos valorizados pela sociedade, tendo capacidades de se inserir em variados contextos e de realizar diferentes atividades, embora tenham alguma limitação. Essa visão de narrativa está pressupostamente:

[...] marcada por uma perspectiva claramente alinhada com a criação de um universo feliz e prazeroso, no qual os problemas mais graves e, talvez, com efeitos pessoais importantes, são tratados como se não passassem de pequenos percalços facilmente corrigíveis, constituindo tal correção na condição para a reintegração do personagem no universo da família e da escola (KIRCHOF; SILVEIRA, 2010, p. 71)

O próprio pretexto<sup>9</sup> do livro está demarcado com uma visão de inserção de indivíduos com alguma limitação à escola, sendo o “anúncio de uma nova concepção: a educação inclusiva”. Ao acompanhar as imagens do livro, que já havia sido contado em aula às crianças, os alunos participantes do grupo focal fixaram-se nas diferentes atividades que os personagens realizavam. Sem ler o texto verbal,

<sup>9</sup> Pretexto do livro “Na minha escola todo mundo é igual”: “Esse livro é o resultado poético de uma experiência vivida numa escola em que realmente todo mundo é igual, apesar das diferenças. É o anúncio de uma nova concepção: a educação inclusiva”. (RAMOS, Rossana. Na minha escola todo mundo é igual. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.)

relatavam tudo o que poderiam realizar: “fazer ballet, jogar vôlei” (Laura), “fazer esportes” (Rodrigo). Tais ilustrações, a partir das percepções de Kirchof e Silveira (2010, p. 71), demonstram a visão de representar a naturalidade das diferenças, assim como a valorização das mesmas:

Como não poderia deixar de ser, também as ilustrações servem ao propósito de reforçar essa representação da felicidade, na qual, mesmo os problemas gerados por diferenças como hiperatividade, surdez, cegueira, síndrome de Down, nanismo, paraplegia acabam sendo paradoxalmente transformados em uma representação para ser desfrutada prazerosamente.

As ilustrações do respectivo livro apresentam os personagens convivendo e se relacionando de modo agradável: todos se respeitam, colaboram e apresentam peculiaridades em comum, que devem ser percebíveis e valorizadas. Analisando as ilustrações, percebe-se que os traços da temática diferença, são articulados a uma representação de alegria, prazer e felicidade.

O preconceito também se faz presente nesse novo estilo de publicação, pois trata-se de um tema que é debatido frequentemente pela sociedade. As crianças interiorizam o conceito de não aderirem ao preconceito e, quando se deparam com comportamentos dessa maneira, procuram corrigir:

Fernando: Eu vou dar esse aqui pro Nycollas porque ele é preconceituoso  
 Livro: O casamento da princesa  
 Acervo selecionado pelo PNBE/2010 – 3ª Escolha: “Qual livro daria de presente a um colega?”



Karine: Esse aqui é legal porque o coelhinho gosta de pessoas pretas, e tem muita gente que não gosta.  
 Livro: Menina bonita do laço de fita  
 Acervo já conhecido pelas crianças – 1ª Escolha: “Qual livro gostaria de ler?”



No livro “Menina bonita do laço de fita”, os personagens centrais são uma menina negra e um coelho branco. A menina bonita é tão linda, tão linda, que o coelho sonha em ter uma filha pretinha com ela. Então, depois de diversas tentativas, ele casa-se com uma coelha negra e tem uma ninhada de filhotinhos, todos diferentes um dos outros, brancos, pretos, cinza, coloridos, etc. Percebe-se, aqui, o uso da figura do animal como um recurso para amenizar tais problematizações. Boni, Silveira e Ripol (2010, p. 101) explicitam essa questão:



Obras de literatura infantil que tematizam a diferença tem como preferência a utilização de animais como personagens, que apresentem, de alguma forma, a diferença. A escolha de animais (ou, em alguns casos, de objetos) como protagonistas é um recurso metafórico utilizado para abordar de maneira atenuada algumas temáticas conflitivas.

As obras de cunho moralizador conforme a postura dos personagens, mais conhecidas como fábulas, que, ao final de cada conto apresenta uma moral ao leitor, foram identificadas como critério para escolha dos livros, como se nota na fala desta criança:

Fernando: É que assim ó, eu gosto de pessoas duras, tipo assim: ela falou se eles queriam fazer o bolo, daí eles não quiseram, daí ela pegou e foi sozinha e fez o bolo, aí depois eles foram lá e ela não deu. Tipo, assim, sei lá, dura... que fala e é isso e deu...  
 Livro: A Galinha Ruiva  
 Acervo já conhecido pelas crianças – 1ª Escolha: “Qual livro gostaria de ler?”



Neste excerto, Fernando discorre sobre um posicionamento, um comportamento que julga adequado conforme diferentes situações. Fernando aponta que prefere “história real”, “de pessoas duras” que tem atitudes coerentes àquelas que lhe são recíprocas. Na perspectiva do aluno, ele criou argumentos que definissem os critérios que considerava como postura adequada, expressando argumentações pessoais baseadas em “valorização e avaliação: os leitores elaboram julgamentos sobre o mérito do texto, embora também apliquem seus próprios julgamentos de valor sobre as situações descritas” (COLOMER, 2003, p. 87).

Concomitantemente com a geração de dados, o critério utilitário-pedagógico de escolha dos livros revelou que os alunos selecionam tais livros tanto para ensinamentos próprios quanto para ensinar os outros, já que as crianças avaliavam a situação das histórias, bem como a dos personagens, e emitiam juízos de valor.

#### 5.4 MÍDIA

Atualmente a mídia está presente e tem grande influência no contexto das crianças, contribuindo como elemento de interferência na formação dos sujeitos, nos aspectos emocionais, cognitivos, afetivos, etc. Como a criança é um telespectador mirim, ainda em formação, a linguagem dos desenhos, filmes, livros propiciam comportamentos, maneiras de atingir, a partir diálogos dos personagens, histórias, cenários que muitas vezes são copiados e reproduzidos pelos pequenos. A mídia tem o propósito de “atingir o grande público pela televisão, pelo cinema e pelas HQ’s, bem como pela própria literatura infantil” (KIRCHOF, SILVEIRA, 2010, p. 69), já que estes são veículos de maior circulação entre a sociedade.

Concomitantemente à mídia, está associado o consumismo, tendo em vista que “numa sociedade de consumidores, todo mundo precisa ser, deve ser e tem que ser um consumidor por vocação (ou seja, ver e tratar o consumo como vocação)” (BAUMAN, 2008 *apud* ANDRADE; COSTA, 2010). O consumismo tem relação direta com o capitalismo, que se estabelece de forma hegemônica entre a sociedade, propiciando o surgimento de vários produtos culturais destinados a um receptor específico, adquirindo, na sua produção, características diferenciadas, traços estruturais e estéticos reconhecíveis, com a intenção de propiciar um consumo fácil e agradável, conquistando cada vez mais o consumidor (KIRCHOF; SILVEIRA, 2010).

Para esses pesquisadores, grande parte da indústria cultural tem investido produzir para uma massa de consumidores genérica, criando e vendendo a esse público um produto “massificado”, composto de reações estéticas agradáveis, sensações positivas que estimulem o consumo à essa “cultura de massa”. Nas palavras de Kirchof e Silveira (2010, p. 68)

[...] sobre a assim chamada “cultura de massa”, apresenta-se a hipótese de que muitos livros brasileiros contemporâneos de histórias que se destinam a grandes públicos infantis servem-se de estratégias estéticas e estruturais muito semelhantes às de outros artefatos culturais voltados para o consumo em larga escala, tais como desenhos animados e histórias em quadrinhos, entre outros.

Nesse ciclo consumista, as crianças vêm sendo usadas para vender. O objetivo é formar mentes consumidoras, pois a grande responsabilidade da mídia é a convocação para o consumo. Assim observa-se a importância na aliança entre infância e consumo, tornando-se produtivo para o mercado econômico essa ligação (ANDRADE; COSTA, 2010).

Nos livros de literatura infantil selecionados pelas crianças, surgiram justificativas referentes à mídia que é apresentada às crianças através da televisão em forma de desenhos animados e filmes. As temáticas principais desses canais comunicativos estão associadas aos super-heróis, contextos de luta, força, poder, histórias com perigo, agradando e conquistando a maioria dos meninos:

Fernando: Porque a primeira coisa, o que eu mais gosto é mais de ação, de luta, de super-herói, porque eu sempre vejo eles e adoro, principalmente o Homem de Ferro e o Wolverine. Eu vejo eles na televisão.  
Livro: Wolverine & Ciclope  
Acervo da biblioteca – Escolha livre, conforme iam acabando a leitura do livro da primeira escolha



Fernando: Eu peguei ele, porque são super heróis.  
Livro: Metalicons – O duelo final  
Acervo da biblioteca – 1ª Escolha: “Qual livro gostaria de ler?”



Rodrigo: Porque eu gosto do desenho, é bem legal, dos filmes...  
Livro: Homem de Ferro e Thor  
Acervo da biblioteca – 1ª Escolha: “Qual livro gostaria de ler?”



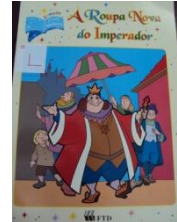
Percebe-se que Fernando e Rodrigo escolheram os respectivos livros, Wolverine & Ciclope; Metalicons; Homem de Ferro e Thor, não apenas por preferências pelos personagens super-heróis, mas também por estarem vinculados a uma mídia que é de acesso fácil a eles: a televisão.

Verifica-se que as publicações destinadas às crianças também são alvo dessa mídia capitalista, que produz para conquistar um público fiel e assíduo: os infantes. Dessa forma “[...] os livros infantis também se inserem no circuito pedagógico do consumo, que lança âncora num mundo de incessante alegria, harmonia e felicidade” (KIRCHOF; SILVEIRA; 2010, p. 74).

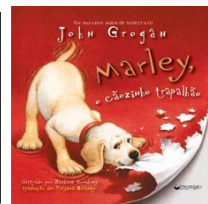
A indústria cinematográfica desenvolve materiais que tem o intuito de agradar as crianças, os filmes. Alguns deles, originalmente, eram livros destinados aos adultos que posteriormente ganharam adaptações para o cinema. “A roupa nova do imperador”, um conto de Andersen, e “Marley e Eu”, por exemplo, foram também enderçados como livros ao público infantil. Como as crianças conheceram as

histórias através de filmes exibidos no cinema, a aquisição desses títulos seria facilitada, pois é algo que, em algum momento, conquistou esse público. Em razão disso, a mídia destaca-se como critério de escolha desses livros:

Laura: Eu olhei o filme dele no cinema.  
 Livro: A Roupa Nova do Imperador  
 Acervo da biblioteca – 1ª Escolha: “Qual livro gostaria de ler?”



Karine: Achei interessante porque ele é trapalhão, ele é engraçado. E eu vi o filme, Marley e eu.  
 Livro: Marley, o cãozinho trapalhão  
 Acervo selecionado pelo PNBE/2010 – 1ª Escolha: Qual livro gostaria de ler?”



As alunas Laura e Karine justificaram escolher esses livros porque já teriam visto os filmes no cinema, sendo esse um critério para seleção a partir de algo já conhecido por elas através da mídia cinematográfica.

Nessa corrente de consumo, outra observação que não deve ser passada despercebida diz respeito à materialidade dos livros que predominou nas escolhas. A partir dos livros disponibilizados no primeiro conjunto, o acervo da biblioteca, a maioria das crianças escolheu livros de formatos menores, de pequenas coleções.

É por esses livros, das pequenas coleções, que as crianças mais se interessaram. Embora nos momentos de escolha folheassem outros livros, esses pequenos livros acabavam despertando atenção e sendo escolhidos. As crianças interagiam e comentavam sobre as escolhas, mencionando que tinham aquela coleção em casa ou que já tinham lido livros da mesma coleção em outros momentos.

Os dados gerados pela investigação apontaram que tais livros apresentaram uma capa bem colorida, títulos com letras diferenciadas e que remetiam a algum logotipo já conhecido pelas crianças (Barbie, Marvel). Na maioria deles, a capa apresentava figuras destinadas às meninas (bonecas) e aos meninos (super-heróis) que, por sinal, eram os mais escolhidos. Esses livros apresentam histórias curtas e poucas páginas. São confeccionados com um material mais econômico, apresentando tamanho menor, com folhas mais finas e coloração mais frágil nas imagens internas.

Silveira (2012) discorre que esses livros são oriundos de editoras puramente comerciais. São materiais de custo de venda menor, que visam o consumo em massa. Não se preocupam com o conteúdo das histórias, nem tão pouco com a estética. Para conquistarem as crianças, apresentam capas atrativas, inserindo elementos da mídia, da ficção (super-heróis), bonecas (Barbie) e animais. Na maioria das vezes, apresentam conteúdos e personagens estereotipados.

A partir da geração de dados, constatou-se que a mídia oferece, através dos livros infantis, conteúdos e temáticas considerados como um dos principais critérios de escolhas de obras pelas crianças, visto que elas acompanham os personagens por meio da televisão e do cinema.

## 5.5 RELAÇÕES DE GÊNERO

Biologicamente cada um de nós nasce com o sexo masculino ou feminino e constrói-se homem ou mulher de acordo com o meio social em que estamos inseridos. Poderíamos dizer, assim, que a construção do gênero vai se dando cotidianamente à medida que a criança se socializa na família, escola, comunidade e vai projetando a figura de homem ou mulher que lhe é apresentada.

Embora tenhamos nascidos com determinados sexos, não é no momento do nascimento que um corpo é nomeado como macho ou fêmea e que se faz deste um sujeito masculino ou feminino, pois “a construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infundavelmente” (LOURO, 2008, p. 18). Entende-se, assim, que os conceitos de sexualidade, corpo e gênero são construções históricas, sociais e culturais, sendo constituídos a partir das relações, das vivências e dos significados que atribuímos a cada relação.

Para Louro (2008), ser homem e ser mulher constituem-se em processos que derivam no âmbito da cultura:

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. (LOURO, 2008, p. 18)

Assim, a definição dos modelos de feminilidade e masculinidade são criados socialmente, concomitantemente com o que o nosso contexto apresenta e impõe como “verdade” a ser seguida. Dessa maneira, promove-se a geração de estereótipos de gênero, os quais vem sendo naturalizados, nos conformando em aceitar narrativas do que é ser homem/menino e do que é ser mulher/menina, assim como características pressupostas de cada um deles: se espera que o homem tem que ser forte, bravo, enquanto a mulher, sensível, cuidadosa, maternal, etc.

Nos critérios de escolhas dos livros pelas crianças, a partir dos conjuntos propostos, presenciaram-se justificativas, descritas abaixo, que ressaltaram a presença de estereótipos, demarcando preferências de acordo com o gênero apresentado na capa dos livros e ilustrações de personagens. As meninas priorizaram nas suas escolhas livros cuja capa apresentava bonecas ou animais de estimação. Já os meninos optaram, em suas escolhas, por obras de super-heróis.

Fernando: Eu vou dar esse aqui pro Nathan porque ele é preconceituoso, pra fazer sacanagem... porque daí ele ia pensar que eu tava chamando ele de princesa - porque é de guria, por causa do título e da capa.  
 Livro: O casamento da princesa  
 Acervo selecionado pelo PNBE/2010 – 3ª Escolha: “Qual livro daria de presente a um colega?”



Karine: Eu escolhi esse aqui porque é de menina, tem boneca...  
 Livro: Flora – Histórias de bonecas: susto na praia  
 Acervo da biblioteca – 1ª Escolha: “Qual livro gostaria de ler?”



Laura: Olha que fofinho sora, olha que lindinhos... (observando a capa)  
 Livro: Pequenos Filhotes: Cadu, o cachorro  
 Acervo da biblioteca – 1ª Escolha: “Qual livro gostaria de ler?”



Nas seleções acima, percebe-se que as ilustrações de personagens femininos na capa tornaram-se fator fundamental de escolha. Na fala de Fernando, ele julgou o livro pelo elemento da princesa da capa, sendo um “livro de guria” e, dando a um colega, seria uma forma de “sacanagem”, de ofendê-lo, desacreditando

em sua “masculinidade”. Na narrativa da Karine, sua escolha partiu da configuração da capa, a qual apresentava duas meninas, assim como a predominância de personagens femininos na história. Laura descreveu sua alternativa devido aos cães e filhotes que ilustravam a capa, achando-os “lindinhos”. As opções das alunas exemplificam o que discorre Silveira (2010, p.148), acerca das escolhas predominantes entre as garotas, visto que “[...] basicamente, as meninas continuam muito parecidas com as antepassadas da Idade da Pedra: ainda se encantam diante de um filhotinho de cachorro e preservam a capacidade de passar horas trocando de roupa em busca do visual perfeito”. Entende-se, assim, que apesar dos tempos, características de feminilidade nos livros, como bonecas, moda, animais, são destinadas e atraentes às garotas.

Nas outras narrativas das crianças, nas justificativas e até mesmo durante as escolhas, enquanto os alunos interagiram, observaram-se conversas significativas que demarcaram questões de gênero em relação ao que “era de menino” e ao que “era de menina”:

Nathan: A Helena escolheu só livro de menina.  
 Pesquisadora: Mas por que tu acha que é livro de menina?  
 Nathan: Porque olha a capa, só tem menina.  
 Pesquisadora: E que tipo de livros tu acha que é de menino e de menina?  
 Nathan: Esses aqui ó, é de herói, e esse aqui é de menina ó, qué vê a menina? (Aponta para a capa e folheia, encontrando ilustrações de garotas das histórias).



No excerto acima, Nathan observou as três escolhas que Helena fez, referentes aos três conjuntos de livros e fez um comentário dizendo que ela havia escolhido apenas livros de menina, analisando que na capa dos três livros havia apenas personagens meninas e um animal. Tendo em vista esse comentário, pode-se dizer que “as crianças acabam reproduzindo aquilo que ouvem ou veem em relação às concepções de gênero [...]. Elas aprendem desde cedo, por exemplo, que rosa é cor de menina e azul cor de menino.” (BIAGIO, 2005 *apud* FRACASSO; FORMAGINI, [s.d.] p. 5). Assim, constata-se que o meio social imprime identidades que são unificadas pela sociedade, a partir de narrativas que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem “verdades” do comportamento que se espera do sujeito.

Nesta mesma perspectiva, Karine; Laura e Rodrigo dialogaram sobre perspectivas de livros adequados às meninas e aos meninos:

Laura: Porque eu garanto que as gurias vão gostar, porque são princesas, e elas vão gostar porque também é engraçado, porque as princesas soltam pum. Só as meninas, porque os meninos são mais de guri...

Rodrigo: Não, não é só as meninas que acham, tipo, os guris eles não gostam de brincar de princesas, mas de história eles iriam gostar. Tipo, um guri que brinca de boneca, eu não tenho preconceito, mas eu não gosto de brincar. Tipo, o livro não teria problema, eu escutaria igual... tipo, brincar de boneca eu não brincaria.

Pesquisadora: E qual livro tu escolheria para os teus colegas?

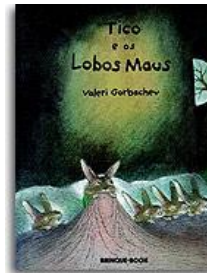
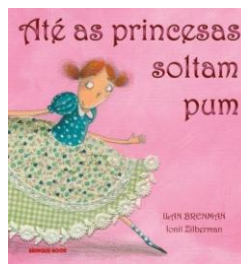
Laura: Esse aqui (Tico e os lobos maus), porque esse aqui todo mundo vai gostar, não é só as meninas, ou só os meninos, todo mundo vai gostar...

Rodrigo: Tipo, Hot Wheels, tu gostaria?

Laura: Sim, às vezes eu olho desenho, vejo o que dá na TV Globinho...

Livros: Até as princesas soltam pum e Tico e os lobos maus

Acervo já conhecido pelas crianças – 1ª Escolha: “Qual livro escolheria para a professora ler para turma?”



Laura comenta que a obra “Até as princesas soltam pum” é indicada às garotas, mas somente a elas, pois é ilustrada com princesas. Conforme a visão dela, para os meninos, não seria aconselhada, já que eles “são mais de guri”. Títulos mais de guri seriam, na concepção dela, livros com personagens masculinos. Questionando sobre qual livro Laura escolheria para os colegas, ela indicou “Tico e os lobos maus”, visto que este conta a história de personagens – animais, agradando aos meninos também, sendo que “todo mundo vai gostar”.

Rodrigo mencionou que não teria problemas em escutar histórias de princesas, pois são “apenas livros”, mas relatou que brincar de boneca não brincaria, embora não tivesse preconceito com os garotos que brincam. Segundo Louro (2008, p. 19), “conselhos e palavras de ordem interpelam-nos constantemente, ensinamentos sobre saúde, comportamento, religião, amor, dizem-nos o que preferir e o que recusar, ajudam-nos a produzir nossos corpos e estilos, nossos modos de ser e de viver”. Essa argumentação está implicada na fala do Rodrigo, que incorporou o que a sociedade diz ser correto à postura feminina e à postura masculina. O respectivo aluno, Rodrigo, desconstrói os estereótipos construídos a



partir da fala da Laura, reconhecendo que não tem preconceito com os meninos que brincam de boneca, embora ele não pratique essa brincadeira. Tradicionalmente temos claro que o ser masculino é constituído a partir do que ele não pode fazer, ou seja, algo que remeta ao gênero feminino, assim como as mulheres não podem ter ou realizar atitudes ditas masculinas, pois acredita-se que possa interferir na sua feminilidade. As atitudes, brincadeiras, filmes, comportamentos mais agitados são classificados como modos de meninos. As atitudes mais dóceis, brincadeiras mais tranquilas, que remetam à relação do cuidado e maternidade feminina são descritas para as mulheres.

Consecutivamente, no mesmo acervo, obras já conhecidas pelas crianças, foi proposto que “sugerissem um livro para a professora planejar um trabalho, uma atividade”:

Pesquisadora: Qual livro sugeriria para a professora planejar um trabalho, uma atividade?  
 Laura: Até as princesas soltam pum.  
 Pesquisadora: E o que de atividade poderia ser feita com essa história?  
 Laura: Não sei, os meninos poderia ser esse aqui (O menino maluquinho) ou esse daqui (Marcelo, marmelo, martelo).  
 Karine: Ou o pai dela (da menina da história Até as princesas soltam pum)  
 Pesquisadora: Olha o que a Karine falou, a Laura deu idéia de fazer (pintar) as princesas para as meninas e o pai da menina para os meninos. Ou os meninos poderiam fazer as princesas também?  
 Rodrigo: Eu quero fazer princesa.  
 Pesquisa: E por que fazer atividades diferentes pra menina e pra menino?  
 Laura: Pra desenhar uma coisa diferente né!  
 Rodrigo: O Fran, porque tipo, se a gente tivesse em casa a gente não ia ter o pensamento de “ah, eu vou fazer uma princesa”, então a gente faz aqui na escola né...  
 Acervo já conhecido pelas crianças – 3ª escolha – “Qual livro sugeriria para a professora planejar um trabalho, uma atividade?”

Laura escolheu novamente o título “Até as princesas soltam pum”. Ao questionar que tipo de atividade poderia ser feita, ela refletiu e opinou sobre outra obra, já que o que ela havia escolhido anteriormente não serviria para os meninos realizarem alguma atividade. Ela indicou, então, os livros “O menino maluquinho” e “Marcelo, marmelo, martelo”, uma vez que apresentavam personagens masculinos, “adequados” ao desenvolvimento de alguma tarefa ao gênero masculino. No mesmo diálogo, Karine aconselhou que as meninas poderiam pintar as princesas e os meninos o pai da princesa (que atua juntamente com a personagem do livro). Interrogando por que os garotos não poderiam fazer o mesmo trabalho, Rodrigo, novamente desconstruiu os estereótipos de gênero e comentou que gostaria de “fazer princesa” também. Justificou pelo fato de que “se a gente tivesse em casa a

gente não ia ter o pensamento de ah, eu vou fazer uma princesa, então a gente faz aqui na escola né”. Possivelmente, na visão dele, a escola seria o lugar para oportunizar o trabalho com diferentes posturas de gênero, não segregando possibilidades diferentes a meninos e a meninas. Em casa, ele estaria restrito a determinados trabalhos talvez pela visão tradicional do que é “de menino” e do que é “de menina”.

Diante das argumentações, tem-se claro que a sociedade culturalmente define os conceitos de gênero e suas implicações conforme os veículos que emitem o que consideram como posturas corretas por determinados sujeitos.

Como esquecer o cinema e a televisão, os shopping centers ou a música popular? Como esquecer as pesquisas de opinião e as de consumo? E, ainda, como escapar das câmeras e monitores de vídeo e das inúmeras máquinas que nos vigiam e nos “atendem” nos bancos, nos supermercados e nos postos de gasolina? Vivemos mergulhados em seus conselhos e ordens, somos controlados por seus mecanismos, sofremos suas censuras. As proposições e os contornos delineados por essas múltiplas instâncias nem sempre são coerentes ou igualmente autorizados, mas estão, inegavelmente, espalhados por toda parte e acaba por constituir-se como potentes pedagogias culturais. (LOURO, 2008, p. 18)

Compreende-se, assim, que há diversas maneiras e instituições que nos ensinam, nos dão ordem de como se portar, bem como fiscalizam nossas condutas, guiando para que façamos sempre o “correto”, o que é permitido, não possibilitando que desviemos daquilo que é imposto pela sociedade.

A partir dos critérios de seleção e das justificativas neles implicadas, a perspectiva de gênero está frequentemente imposta nos livros de literatura infantil, assim como influencia o leitor no ato de seleção. A ideia de gênero, de identidade masculina e feminina é constituída e reproduzida perante a sociedade.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ah! Tu, livro despretenso, que na sombra de uma prateleira, uma criança livremente descobriu, pelo qual se encantou e, sem figuras, sem extravagâncias, esqueceu as horas, os companheiros, a merenda... tu sim és um livro infantil, e o teu prestígio será, na verdade, imortal. (MEIRELES, 1951, p. 3)

No contexto contemporâneo, a literatura ganha cada vez mais visibilidade entre os educadores e pesquisadores da área.

Compreende-se que o livro infantil é constituído a partir da compreensão adulta acerca do mundo infantil, se referindo o adjunto “infantil” a características e conteúdos adequados, conforme julgamento dos adultos, para a faixa etária em questão, a infância. Os adultos emitem conceitos e classificam as obras que acham adequadas à produção destinada ao público infantil, sem se preocuparem com as preferências das crianças. Entra em questão a problemática que me propus a analisar, investigando quais critérios crianças de uma turma de terceiro ano do ensino fundamental utilizam na escolha dos livros.

Diante da geração de dados, a partir das justificativas de preferências emitidas pelas crianças conforme os conjuntos de livros disponibilizados, observou-se que, antes de selecionarem as obras, elas olharam, folhearam as páginas e observaram o que o livro oferecia, cabendo, a partir dos seus critérios, julgar atrativo ou não. Esse momento de contato com os títulos, de manusear e conhecer os materiais, foi determinante e imprescindível para as escolhas.

As justificativas de maior recorrência foram relacionadas ao eixo “aspectos gráfico-visuais”, demonstrando o quanto as ilustrações da capa e das páginas e a extensão de texto influenciam os leitores. Notou-se que os argumentos estavam associados aos significados produzidos a partir das imagens, à presença de narrativas que demarcam questões de identidade e gênero, atrelados à exposição de preferências, experiências e vivências dos leitores. No que se refere à ilustração como possibilidade de leitura, percebeu-se que, embora no campo da literatura infantil considera-se que as imagens possibilitam leitura visual, as crianças do grupo focal consideraram necessária a presença de ilustração acompanhada de texto, para

que seja possível realizar a leitura. A imagem, então, tem papel decisório na escolha das obras, visto que, quando não está associada com algum texto verbal, os alunos rejeitam o livro.

No eixo preferências temáticas do leitor, observaram-se narrativas do grupo focal que se aproximaram com justificativas relacionadas a temáticas que os participantes achavam interessantes, gêneros literários preferidos, personagens que agradavam e contextos baseados em experiências individuais. A partir de memórias de vivências, os sujeitos se identificaram com os personagens e as situações e ficaram emocionalmente imersos no texto.

As obras de caráter utilitário-pedagógico tem como intuito “ensinar” o leitor, pois se acredita que o livro seja portador de mensagem informativa social, transmitindo valores do ponto de vista que o adulto julga úteis à formação das crianças. Atualmente as editoras vêm investindo em produções de conteúdos debatidos frequentemente pela sociedade, relativos à diversidade cultural, preconceito, visto que há tendências em positivar as diferenças. Nesse ponto de vista, nota-se a propensão em transformar a diferença em mercadoria e comercializá-la. Percebeu-se que os alunos escolheram os livros com a intenção de ensinarem a si próprios, emitindo próprios julgamentos, e também de ensinarem aos colegas.

O critério de seleção associado à mídia se caracterizou devido às escolhas que o grupo fez a livros que contemplassem histórias e personagens que eles acompanham pela televisão e/ou cinema. Assim, a mídia tem o propósito de atingir o grande público pela televisão, pelo cinema e pelas histórias em quadrinhos, bem como pela própria literatura infantil, ofertando publicações compostas de reações estéticas agradáveis, sensações positivas que estimulem o consumo. Na sociedade contemporânea, destaca-se que as crianças vêm sendo usadas para vender, predominando uma aliança entre infância e consumo.

Durante os momentos de escolhas de livros, as crianças interagem, conversando e sugerindo obras. Nesses discursos, notou-se que, em muitos casos, a capa apresentando personagens femininas, animais, ou outros desenhos mais coloridos seriam destinados às meninas, e as capas com personagens masculinos, ilustrando cenas de lutas, cores mais escuras, aos meninos. Esse discurso de gênero, do que é para menina e do que é para menino são narrativas interiorizadas nos sujeitos, que demonstram fatores determinantes nas escolhas.

Finalizada a retomada dos aspectos mais significativos em relação aos critérios utilizados pelas crianças na escolha dos livros, valem algumas palavras sobre a importância deste estudo que agora se encerra. As atividades de promoção da literatura na sala de aula, nos momentos em que os livros de literatura infantil são oferecidos, servem de oportunidades para as crianças terem contato com esse tipo de material, porém não devem limitar as escolhas das crianças. Os alunos devem ter papel fundamental na seleção dos livros, assim como suas justificativas devem ser consideradas. As manifestações das crianças, muitas vezes, não são reconhecidas por aqueles que fazem as escolhas literárias, sejam pais ou profissionais da educação. Este trabalho buscou, então, valorizar justamente as escolhas dos leitores: as crianças.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paula Deporte; COSTA, Marisa Vorraber. Usando crianças para vender: infância e consumo na publicidade de revistas. **Reflexão e Ação** (online), v.18, p. 230-248, 2010. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/1551/1928>>. Acesso em 12 jun. 2012

ANNIBAL, Sérgio Fabiano; BARBOSA, Raquel Lazzari Leite; BOLDARINE, Rosária de Fátima. Leitura, escrita e livro: determinantes de práticas culturais e desenvoltura social. Revista da Associação de Leitura do Brasil: **Leitura: Teoria & Prática**. Campinas: Global, ano 28, n. 55, dez. 2010.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BONI, Iara Tatiana; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; RIPOLL, Daniela. Ensinando sobre a diferença na literatura para crianças: paratextos, discurso científico e discurso multicultural. **Revista Brasileira de Educação**. v. 15, n. 43, jan./abril, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v15n43/a07v15n43.pdf>>. Acesso em 10 jun.2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Edital PNBE 2010**. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/index.php/be-consultas>>. Acesso em 07 jun. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional Biblioteca da Escola**. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/index.php/be-consultas>>. Acesso em: 07 jun. 2012.

CAMARGO, Luís. **Ilustração do livro infantil**. Minas Gerais: Editora Lê, 1995.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual. [tradução Laura Sandroni]. – São Paulo: Global, 2003.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO Mário. **Fadas no divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSTA, Marisa Vorraber. **Leitura e diversidade**: diferentes modos de olhar, maneiras de investigar. In: Conferência 17ºCOLE, 2003, Campinas. Anais: Campinas: UNICAMP, 2003, p. 1-18.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 115, 2002. p. 139-154.

FRACASSO, Gabriele; FORMAGINI, Vivia Cenci. **Problematizando gênero através da literatura infantil**. Universidade do Contestado – UNC. Disponível em: [http://www.pesquisa.uncnet.br/pdf/educacaoInfantil/PROBLEMATIZANDO\\_GENERO\\_LITERATURA\\_INFANTIL.pdf](http://www.pesquisa.uncnet.br/pdf/educacaoInfantil/PROBLEMATIZANDO_GENERO_LITERATURA_INFANTIL.pdf). Acesso em: 10 jun. 2012.

GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel J. Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética. [tradução Ana Maria Chaves]. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

KIRCHOF, Edgar Roberto; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A imagem da diferença: um estudo sobre a ilustração na literatura infantil contemporânea. Revista da Associação de Leitura do Brasil: **Leitura: Teoria & Prática**. Campinas: Global, ano 28, n. 55, dez. 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: histórias & histórias**. São Paulo: Editora Ática. 6. ed. 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Proposições**, v.19, n.2 (56). maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2012.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1951.

OLIVEIRA, D. R. Maria; PALO, Maria José. **Literatura infantil: voz de criança**. São Paulo: Ática, 2003.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **Estratégias de trabalho com livros de literatura infantil de acervos do PNBE**. Porto Alegre, UFRGS, 2012 (Comunicação oral).

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Livros perigosos para garotos e maravilhosos para meninas: o gênero social diferenciado o gênero discurso. **Revista Signos**. 2010 / 43. Número Especial Monográfico Nº 1 143 – 159. Disponível em: <<http://www.scielo.cl/pdf/signos/v43s1/a09.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2012.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global Editora, 1985.

## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso:

#### LITERATURA INFANTIL

---

#### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A presente pesquisa está vinculada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sendo produzida para fins de Trabalho de Conclusão de Curso. Versa sobre os critérios de escolha dos livros pelas crianças, e tem como objetivo identificar e analisar quais são esses critérios atribuídos por alunos do terceiro ano do ensino fundamental.

Para este fim, serão coletadas narrativas orais, através da gravação da voz, e produções escritas (textos e desenhos) realizadas pelas crianças nos encontros destinados à pesquisa. Os três encontros ocorrerão no ambiente escolar e terão duração de 30 minutos. Além disso, serão utilizados registros fotográficos que retratam atividades desenvolvidas com os alunos no ano de 2012.

Seu filho ou filha está convidado (a) a participar deste estudo. Assim, sua autorização é solicitada para que a pesquisadora responsável pela investigação – Francielle da Veiga Bertoni – possa realizar esta coleta de dados. Os dados e resultados desta pesquisa serão mantidos sob sigilo ético, não sendo mencionado o nome do (a) participante, de forma fictícia, garantindo assim a privacidade e a confidencialidade das informações. Todo o desenvolvimento do trabalho será orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Piccoli e seu destino final será uma Monografia de Conclusão de Curso, que ficará à disposição para a consulta pública na biblioteca da Faculdade de Educação da UFRGS.

Eu, \_\_\_\_\_ responsável por \_\_\_\_\_, fui informado sobre os objetivos da pesquisa acima descrita e concordo que meu filho/filha participe da mesma.

Caso o participante tenha qualquer dúvida, poderá fazer contato com a pesquisadora Francielle da Veiga Bertoni através do telefone 96025365 ou com sua orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Piccoli, na Faculdade de Educação, pelo telefone 33084189.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Criança

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora  
Francielle da Veiga Bertoni

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Professora Orientadora  
Luciana Piccoli

Porto Alegre, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_